

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

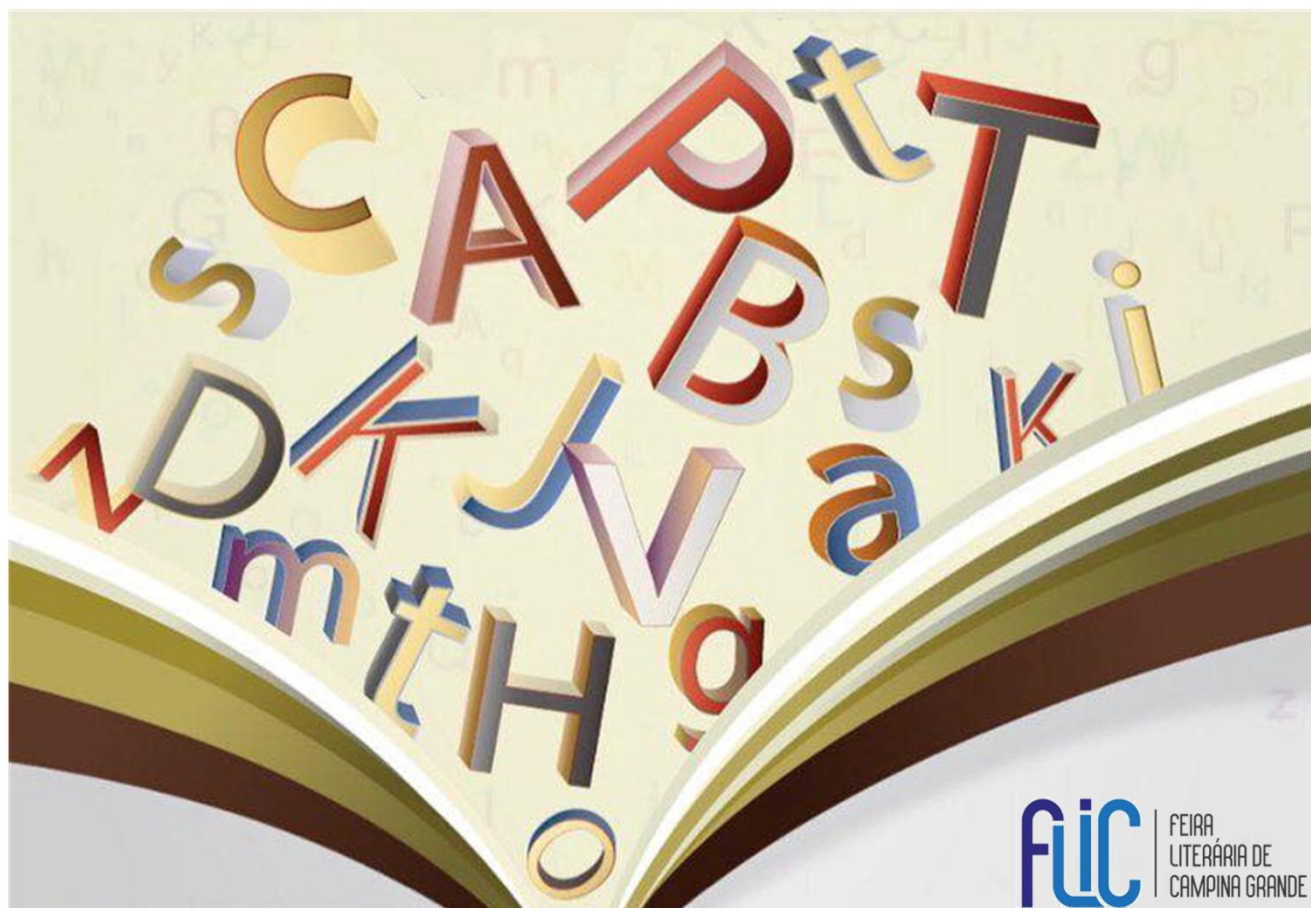


# Leia Escola

ISSN: 2358-5870 | Áreas do conhecimento: Linguística e Literatura

## *PALAVRAS QUE EMANCIPAM*

**Organizadoras**  
**Danielly Vieira Inô**  
**Samelly Xavier**



**flic** FEIRA  
LITERÁRIA DE  
CAMPINA GRANDE

**Vol. 19**  
**Nº Especial**  
**2019**

 **EDUFMG**

*Revista*  
***Leia Escola***

**Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

Reitor Vicemário Simões  
Vice-reitor Camilo Allyson Simões de Farias  
Diretor do Centro de Humanidades Fernanda de Lourdes Almeida Leal

**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

Coordenador Administrativo José Edilson Amorim  
Coordenadores de Graduação  
Licenciatura em Letras Espanhol Isis Milreu  
Licenciatura em Letras Francês Carmen Verônica A. R. Nóbrega  
Licenciatura em Letras Inglês Cleystone Chaves dos Santos  
Licenciatura em Letras Libras Aline Risseli Florindo Silva  
Licenciatura em Letras Português Márcia Candeia Rodrigues  
Manassés Moraes Xavier  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino Denise Lino de Araújo  
Coordenador de Pesquisa e Extensão Nyeberth Emanuel Pereira dos Santos  
Editora da Universidade Federal de Campina Grande José Hélder Pinheiro Alves  
Diretor Administrativo  
**Revista Leia Escola** **ISSN 2358-5870**  
Editora Chefe Márcia Tavares  
Comissão Editorial Denise Lino de Araújo  
Quadrênio 2018-2021 Maria Augusta G. de Macedo Reinaldo  
Naelza de Araújo Wanderley

Corpo Editorial Aldinida Medeiros (UEPB)  
André Pinheiro (UFPI)  
Amarino Queiroz (UFRN)  
Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)  
Ana Virgínia Lima (UFRN)  
Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)  
Bruno Alves Pereira (UEPB)  
Darcília Simões (UERJ)  
Daniela Segabinazi (UFPB)  
Derivaldo dos Santos (UFRN)  
Edenize Ponzo Peres (UFES)  
Edmilson Luiz Rafael (UFCEG)  
Eliana Kefalas Oliveira (UFAL)  
Fabiana Oliveira (UFAL)  
Fabiano Tadeu Grazioli (URI/FAE)  
Fabiele Stockmans de Nardi (UFPE)  
Fábio Marques de Souza (UEPB)  
Fátima Aparecida Teves Cabral Bruno (USP)  
Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)  
Givaldo Melo de Santana (UFSE)  
Josilene Pinheiro Mariz (UFCEG)  
José Hélder Pinheiro Alves (UFCEG)  
Karina Chianca (UFPB)  
Lílian de Oliveira Rodrigues (UERN)  
Luiz Francisco Dias (UFMG)  
Maria Amélia Dalvi (UFES)  
Marco Antônio Margarido Costa (UFCEG)  
Maria Angélica de Oliveira (UFCEG)  
Maria Auxiliadora Bezerra (UFCEG)  
Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN)  
Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega (UFCEG)  
Marie Hélène Torres (UFSC)  
Renata Junqueira de Souza (UNESP)  
Roberto Carlos de Assis (UFPB)  
Sílvia Pilegi Rodrigues (UFMT)  
Simone Dália de Gusmão Aranha (UEPB)  
Sinara de Oliveira Branco (UFCEG)  
Valdenides Cabral Dias (UFRN)

Os trabalhos publicados são de responsabilidade exclusiva dos seus autores **ISSN 2358-5870**

Leia Escola – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. v. 19, Número Especial, 2019. Campina Grande: EDUFCG, 2019.

1. Linguística
2. Linguística Aplicada
3. Literatura
4. Ensino



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

*Revista*  
***Leia Escola***

Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino

**I FEIRA LITERÁRIA DE CAMPINA GRANDE  
PALAVRAS QUE EMANCIPAM**



**Campina Grande  
2019**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	06
---------------------------	----

### ARTIGOS

<b>AS FEIRAS LITERÁRIAS, O LIVRO E O LEITOR: “PLUMAS EMARANHADAS”</b> Maria Ester Vieira de Sousa .....	09
--	----

<b>A (SUPOSTA) FALTA DE LEITURA DOS CAMPINENSES: UM DISCURSO NADA NOVO</b> Danielly Vieira Inô .....	22
---	----

<b>PROJETAR O LEITOR: NAS ASAS DA LEITURA</b> Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, Otaíza dos Santos Silva e Solange Diniz de Oliveira .....	43
--	----

### RESENHA

<b>ENTRE A IMAGINAÇÃO E A MEMÓRIA</b> Lau Siqueira .....	51
---	----

### ENTREVISTA

<b>ADMIRÁVEL LIVRO NOVO: SOBRE FEIRAS, LEITURAS E LEITORES ENTREVISTA COM BRUNO RIBEIRO</b> Samelly Xavier .....	56
---	----

### IMPRESSÕES LITERÁRIAS

<b>INSTAGRAMÁTICA: CARTOGRAFIA DO TEXTO VIRTUAL &amp; POÉTICA DA LEITURA EM TEMPO REAL</b> Edmundo Gaudêncio .....	62
---	----

## APRESENTAÇÃO

A presente edição da Revista Leia Escola, volume 19, número especial, é dedicada à primeira Feira Literária ocorrida em Campina Grande, a primeira FLIC, durante o período de 28 de novembro a 02 de dezembro de 2018.

Campina Grande é uma cidade conhecida por seu público universitário e por sua verve artística. Um evento que congregasse esses dois pilares – além de convidar à comunidade em geral a celebrar a leitura, a escrita, a Literatura e suas ferramentas – estava entre as possibilidades e ambições da Rainha da Borborema. A partir dessa reflexão, quatro amigos educadores – Carla Teíde, Iasmin Mendes, Samelly Xavier e Styellio Mendes – desafiaram-se mutuamente a transformar esse projeto em atitude, fazendo surgir assim a primeira feira literária campinense.

Foram dias construídos a partir de: oficinas nas escolas, espaços primordiais para quaisquer mudanças sociais; eventos artísticos, como saraus e lançamentos de livros; e debates públicos, como mesas-redondas e palestras, acerca da diversidade literária, sua representatividade e seus múltiplos aspectos sociais. Um pouco desse acervo foi compilado neste número especial da *Revista Leia Escola*, graças à parceria e iniciativa da professora Márcia Tavares, editora da revista e participante da mesa-redonda “Literatura também é para incluir”, no segundo dia de FLIC.

Nesta edição, podemos, inclusive e inicialmente, refletir sobre o porquê da existência de feiras literárias, no artigo de Maria Ester de Sousa Viera, intitulado “As feiras literárias, o livro e o leitor: ‘plumas emaranhadas’”, que embora não vise a responder prontamente qual o intuito geral das feiras, como a própria autora justifica, reitera nosso pensamento de que eventos como estes, mais do que uma visão comercial do livro, trazem uma reflexão e contribuição para formação cultural da população, ou, mais especificamente, para a formação de leitores. A autora faz uma leitura sensível e acurada das linguagens e símbolos de um conjunto de cartazes de feiras nacionais e, especificamente, detalha uma leitura de alguns cartazes e materiais de divulgação de feiras paraibanas e de outros estados nordestinos.

No artigo seguinte, Danielly Viera Inô discute a permanência de alguns estereótipos na propalada “ausência” de leitores ao longo da investigação sobre notícias recolhidas de jornais locais sobre a Biblioteca Municipal de Campina Grande. Inô nos apresenta um painel detalhado de informações que circularam nos jornais *O Momento* (setembro/1950), *Jornal Formação* (outubro/1951 e outubro/1953), *O Globo* (julho/1952 e agosto/1952), *Jornal do Estudante* (agosto/1953), e que se dedicaram a discutir *se e o que* se lia na cidade, sobretudo em sua Biblioteca Pública Municipal.

Ainda sobre espaços de leitura, Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa justifica, em seu artigo, a importância do estímulo à leitura de textos literários em ambiente escolar. O artigo relata a experiência vivenciada por alunos extensionistas do curso de graduação em Letras/Língua Portuguesa e alunos do ensino médio, dentro do projeto de extensão “Nas Asas da Leitura”. O referido projeto tem como objetivo o incentivo à leitura não só dentro da escola, mas como prática que possa ser desenvolvida em outros espaços, como, por exemplo, o familiar. Essa iniciativa extensionista se destaca por levar o conhecimento produzido na academia até a comunidade, além de demandar a divulgação de nomes de autores ainda pouco conhecidos, bem como temáticas bastante atualizadas.

Nesta edição especial da *Leia Escola* é possível também ler a resenha, escrita por Lau Siqueira, do livro *Histórias nada sérias*, de Maria Valéria Rezende. Em seu texto, o autor recupera um importante momento histórico na cena da produção literária pessoense, marcado pela realização do Clube do Conto da Paraíba. Segundo ele, o livro de Maria Valéria nasce das discussões e trocas empreendidas no âmbito das reuniões desse Clube, que contava com a participação de importantes nomes da literatura local. Embora o título escolhido tenha sido *Histórias nada sérias*, Lau Siqueira demonstra, com precisão e também com o lirismo que lhe é tão característico, a seriedade com a qual a autora empreende a sua escrita, neste caso específico permeada também pela seriedade que sustentava as apreciações e trocas possibilitadas pelas reuniões entre os autores do referido Clube do Conto.

Outro aspecto também apontado nesta edição é a discussão sobre a Literatura advinda da internet: afinal, os seguidores são os novos leitores? Com uma frequência cada vez maior, autores têm priorizado a realização de publicações em suas redes sociais, de maneira que o mundo virtual se configura, por vezes, como o primeiro canal de interação entre leitores e textos, leitores e autores. Sem dúvida, essa forma de circulação dos textos propiciada pela internet afeta diretamente os papéis de autores e leitores, bem como as condições de produção desses textos. A possibilidade de publicá-los virtualmente e assim atingir imediatamente os possíveis leitores, de ter acesso às suas reações e percepções, de não depender da interferência de um mercado livreiro e editorial, transforma profundamente tanto autores, quanto leitores e também os textos. É possível encontrar facilmente, hoje em dia, autores que publicam exclusivamente em redes sociais ou blogs, ou cujos livros impressos passaram primeiro por uma versão online, disponibilizada de maneira esparsa na web, e que futuramente se transformou em projeto editorial impresso. Não nos esqueçamos, contudo, que, guardadas as devidas proporções, a internet de hoje é o jornal impresso do século XIX e início do XX, época na qual os jornais brasileiros publicavam regularmente textos de grandes escritores, antes mesmo que eles chegassem (quando chegavam) a assumir o formato de um livro. Muitos sucessos e fracassos puderam ser construídos naquele período, apoiados pelo crivo do público leitor desses periódicos.

Neste contexto, as redes sociais podem contribuir – e muito – para o sucesso artístico de novos escritores, cuja voz passa a ser ouvida/lida com um intervalo muito menor entre produção e recepção, e numa escala medida por curtidas e compartilhamentos. Foi o que aconteceu com o jovem e já renomado escritor Bruno Ribeiro, autor de livros premiados como *Glitter*, que, aliás, teve seu espaço inicial nas plataformas digitais, como o Kinddle e só depois ganhou uma versão impressa. Na entrevista concedida à Samelly Xavier e à assessoria de imprensa da FLIC, Bruno Ribeiro falou um pouco desses ‘novos tempos’ e se mostrou otimista diante desse momento literário de ‘explosão’ artística.

Ainda com o intuito de abordar as novas tecnologias como aliadas e não como algozes no que diz respeito à promoção da leitura e da escrita, Edmundo Gaudêncio convida, em seu ensaio, a refletir acerca desses novos tempos virtuais, das características esperadas dos textos literários em épocas de redes sociais. O autor comenta sobre as relações estabelecidas entre autores e leitores e como essas relações podem estar presentes na mediação da tela do computador.

Em suma, sejam nos leitores idos dos anos 1950, como aponta o artigo da professora Danielly Inô, sejam nos leitores atuais da mais tenra tecnologia, como são os de autores contemporâneos como Bruno Ribeiro, o que não se pode negar é que a palavra escrita continua encantadora, atraente e digna de ser estudada e apreciada por todos, sem distinção. E é por isso que feiras literárias existem, que revistas como esta

existem, que os livros permanecem (junto a tantos outros materiais de leitura) e que a metalinguagem nunca está fora de moda.

Vida longa à FLIC!

Danielly Vieira Inô  
Samelly Xavier

Campina Grande, 15 de maio de 2019



## AS FEIRAS LITERÁRIAS, O LIVRO E O LEITOR: “PLUMAS EMARANHADAS”

### THE LITERARIES FAIRS, THE BOOK AND THE READER: “TANGED PLUMES”

Maria Ester Vieira de Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** As feiras literárias têm uma história antiga, contudo, no Brasil, é a partir da primeira década do século XXI que elas se tornam mais representativas do ponto de vista quantitativo. Considerando a propagação das feiras literárias no ano de 2018, esse texto pretende, em um primeiro momento, problematizar a natureza desse evento, especialmente, diferenciando-o das feiras de livro. Em seguida, tem como objetivo discutir as imagens de leitor e de livro que são construídas em alguns cartazes de divulgação de eventos, especialmente, ocorridos em cidades paraibanas. A partir dessa breve análise, que segue o paradigma indiciário proposto por Guinzburg (1989), é possível concluir que as feiras literárias preservam o ideal de que a leitura do texto literário contribui para a humanização e a sensibilização do homem para sua convivência social. Essa é uma imagem recorrente que precisa ser desnaturalizada ou desconstruída, enquanto verdades absolutas.

**Palavras-Chave:** Feiras literárias; representações de livros; representações de leitores.

**Abstract:** The literaries fairs have an ancient history, however, in Brazil, is as of the first decade of the century XXI that they become more representative from the quantitative point of view. Contemplate the propagation of the literaries fairs this year 2018, this text pretend, in a first moment, to problematize the nature of this event, especially, differentiating it from book fairs. Next, aims to discuss the reader and book representations that are constructed in some posters of events, especially, occurred in cities in Paraíba. From this brief analysis, which follows the indiciary paradigm proposed by Guinzburg (1989), it is possible to conclude that the literary fairs preserve the ideal that the reading of the literary text contributes to the humanization and the sensitization of the man to his social coexistence. This is a recurring image that needs to be desnaturalized or deconstructed, while absolute truths.

**Keywords:** Literaries fairs; book representations; reader representations

#### 1 Feiras literárias: um ponto de observação

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele **aprendeu** a *reconstruir* as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. **aprendeu** a *farejar, registrar, interpretar e classificar* pistas infinitesimais como fios de barba. **aprendeu** a *fazer operações* mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (GINZBURG, 1989, p 151) (grifos meus)

Início com essa epígrafe explicitando o meu viés teórico, o itinerário que seguirei e deixando claras as pistas e pegadas que sigo. Desse modo, posiciono-me a partir do paradigma indiciário proposto por Guinzburg (1989), advertindo, como faz o próprio autor, que há diferença entre analisar a natureza e analisar a cultura. Também é preciso dizer que não é só ele que informa ou orienta o meu olhar. Ao longo deste texto, convocarei outros teóricos, a exemplo de Chartier (1999, 2013, 2014), que me servirão

---

<sup>1</sup> Professora titular aposentada e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. teca.vieiradesousa@gmail.com

de biombos explícitos ou implícitos.

Dado que, neste artigo, o meu olhar sobre o livro e o leitor tem como referência as feiras literárias, começarei *farejando* as palavras. Um breve levantamento, em vários dicionários (eletrônicos ou não), do vocábulo *feira* demonstra a presença de alguns itens lexicais que são comuns a todas as definições encontradas. Elas podem ser resumidas pela recorrência da alusão a um evento cuja finalidade é a venda, exposição ou divulgação de determinado produto ou serviço e, naturalmente, pela menção à presença de vendedores e compradores. Ou seja, a finalidade comercial descreve a natureza do evento *feira* cujo objeto da transação comercial vem sempre determinado por uma locução adjetiva (feira de gado, feira de livro, feira literária, etc.). Seguindo esse raciocínio, em princípio, somos levados a concluir que, em feiras literárias, vende-se literatura. Será simples assim? O que significa, dentro da lógica mercadológica e da economia do livro e da leitura, “vender” literatura? Quem compra esse produto? Direta ou indiretamente, tentarei responder a essas perguntas.

Nos últimos anos, tem aumentado significativamente o número de feiras literárias no Brasil. Em todos os Estados do país, elas têm ganhado visibilidade e conquistado outros espaços para além dos grandes centros urbanos, como as pequenas cidades. Em matéria publicada no Jornal da Biblioteca Pública do Paraná (Cândida online), *Ben-Hur Demeneck (s/d) afirma:*

Em 2011, havia 75 feiras literárias cadastradas no “Circuito Nacional de Feiras de Livro”. No ano seguinte, a Fundação Biblioteca Nacional e a Câmara Brasileira do Livro (CBL) contabilizavam 200 eventos. Dezenas de feiras eram recém-instaladas ou estavam em fase de consolidação por iniciativa de cidades pequenas e médias.

Esse é um crescimento vertiginoso que tem sido verificado a cada ano e cujo fenômeno tem suscitado diferentes reflexões. Em 2015, a professora, escritora e produtora de eventos literários, Suzana Vargas publicou um breve texto na seção de Cultura de *O Globo* (<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932>) cujo título “O que se festeja nas festas literárias?” chama a atenção. Dentre outras afirmações polêmicas, a autora declara:

Eventos não levam ninguém a ler mais ou a comprar mais livros. Eventos literários sejam eles festas, feiras, bienais com maior ou menor projeção nacional, são fenômenos de marketing. Ou seja: eventualmente ouve-se falar num produto chamado livro, em seus autores, como quem anuncia uma nova marca de refrigerante. O cidadão escuta através da mídia que livros são essenciais, que ler faz bem, acorre às feiras, as escolas se movimentam, as prefeituras distribuem o vale livro ou que nome tenha essa ajuda essencial dos órgãos envolvidos. Na verdade, feiras e eventos cumprem essa missão de popularizar o objeto livro, divulgar alguns nomes da produção literária nacional e internacional, mas são, (...), eventuais. (VARGAS, 2015).

Primeiro, chamo a atenção para o fato de que a denominação se expande: as feiras viram também bienais e festas que, ainda assim, “são fenômenos de marketing”. Segundo, acredito que a opinião de que esses “Eventos não levam ninguém a ler mais ou a comprar mais livros” talvez não seja compartilhada por grande parte dos envolvidos em organização desses eventos literários, principalmente pelos organizadores das grandes bienais ou feiras de livros. Isso é natural, considerando a

natureza polêmica da assertiva.

Particularmente, concordo que as feiras (de livro ou literárias) são eventos de marketing que fazem mover a economia do livro, principalmente em tempos de avanço de novas tecnologias que competem com o livro de papel<sup>1</sup>. Mas não acredito que possamos limitar a função desses eventos à popularização do “objeto livro” e à divulgação de “alguns nomes da produção literária nacional e internacional”.

E diria mais: talvez seja importante, para melhor entender essa discussão, estabelecer uma diferença entre feiras literárias e feiras de livros<sup>2</sup>. Não pretendo aprofundar-me nessa empreitada, mas defendo que essas últimas possuem uma função mercadológica bem mais próxima daquela que defende Suzana Vargas. Já as feiras literárias têm, em geral, adotado uma configuração – com eventos dentro do evento (palestras com escritores, com pesquisadores e especialistas em leitura, lançamentos de livros, momentos de autógrafos, performances artísticas, música, dança, minicursos para diferentes públicos etc.) – que extrapola a função a que se refere a autora e ganham ares de um evento cultural, não meramente voltado para o marketing do livro e do autor, mas caracterizado pela ideal de festa, festejo, confraternização, encontro. Por isso, também considero, nessa mesma perspectiva, os eventos autodenominados de festa e/ou de festival literários.

Observando rapidamente a programação de algumas feiras literárias, acredito que possamos afirmar que esses eventos culturais literários, em geral, caracterizam-se por contar com:

- a participação efetiva de membros da comunidade ligados à educação e à cultura, a exemplo de professores e alunos de escolas municipais, estaduais e particulares e agentes culturais locais (todos esses agentes também são o alvo principal dessas feiras);
- a presença de escritores locais e convidados;
- atividades culturais diversas: a música, a dança, as artes plásticas, o teatro e o cinema;
- atividades como palestras, conferências, performances, minicursos, relatos de experiências (em geral, apresentados por professores e/ou agentes culturais), etc.<sup>3</sup>.
- a participação de setores públicos em sua organização (ou possuem financiamento público);
- a predominância de livros considerados (ou catalogados como) infantis, juvenis e Best Sellers;
- a presença de novos escritores e de escritores blogueiros, e de pequenas editoras;
- uma programação que faz um apelo direto à formação do leitor (a economia da leitura);
- uma tendência a serem ou se tornarem temáticas (muitas vezes, com homenagens a figuras, em geral literatos, da região, do estado ou do município).

Resumindo, primeiramente, diríamos que, diferente das feiras de livros, as feiras literárias nem sempre têm um interesse comercial, mas visam contribuir com a

---

<sup>1</sup> Sobre essa questão, sugiro a leitura de Charthier (1999) e Zilberman (2001).

<sup>2</sup> Há quem, a exemplo de Lindoso (2013), defenda os “Festivais de Literatura” como um tipo de “Feira de livros” cujas atividades seriam quase exclusivamente culturais.

<sup>3</sup> Esse formato da programação das feiras literárias parece ser devedor dos congressos científicos que também ganharam maior repercussão a partir da década de 90 do século XX.

formação cultural da população, com foco no estímulo à leitura e à formação do leitor e, eventualmente, à conquista de novos públicos consumidores. Em segundo lugar, defendemos que, nessas feiras, as atividades culturais marcam, em geral, um conagraçamento entre autores e leitores, entre promotores culturais e o público local. Esse formato se torna mais evidente quando essas feiras se realizam em pequenas cidades, sem tradição de eventos culturais e, às vezes, sem sequer a presença de uma livraria<sup>1</sup>.

Em princípio não objetivo discutir a função das feiras, contudo, resolvi retomar essa questão para me posicionar em relação a algo que também está no cerne do objetivo deste artigo. Como professora e pesquisadora da área, concordo com Suzana Vargas quando afirma que feiras não formam leitor, se considerarmos que a formação do leitor não decorre de ações eventuais, mas de ações contínuas, cotidianas e de longa duração, que, em geral, têm a escola como propulsora, e que, evidentemente, extrapolam os limites de um evento.

É preciso, no entanto, imediatamente reconhecer que as feiras literárias existem em função dos livros; também é certo que, embora não formam leitores, existem em função deles. Nesse sentido, pretendo também, nesse artigo, discutir a representação do livro e do leitor que faz parte do ideário dessas feiras. Para tanto, a seguir, irei me deter à análise de alguns “produtos” de divulgação (ou peças publicitárias) de algumas feiras literárias que ocorreram em 2018 no Estado da Paraíba.

### **Imagens de livros e leitores: entre rastros incertos e pistas culturais**

Uma coisa é analisar pegadas, rastros, fezes (animais ou humanas), catarros, córneas, pulsações, campos de neve ou cinzas de cigarro; outra é analisar escritas, pinturas ou discursos. A distinção entre natureza (inanimada ou viva) e cultura é fundamental. (GUINZBURG, 1989, p 171)

As escritas, as pinturas ou os discursos nos colocam no mundo do simbólico, que, necessariamente, convoca a cultura e a história para que possamos atribuir um sentido a essas práticas humanas e sociais. Envolvidos que estamos com as práticas de linguagem, nem sempre percebemos quão complexa é a ação que diariamente praticamos para entender o outro e nos fazer entender. Dito isso, convoco o conceito de representações, o qual será essencial para a leitura que me proponho a realizar: “As representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus expectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram.” (CHARTIER, 2013, p. 27).

É exatamente esse poder de persuasão e essa capacidade de produzir, criar realidades, que me interessam observar nas imagens que passo a analisar. Se as representações, por essa “manobra” de persuasão, nos levam a naturalizar os sentidos, cabe ao analista proceder à desnaturalização, a partir do estranhamento dessa identificação absoluta entre as palavras (ou as imagens) e as coisas, como sugere Guinzburg (2001). Iniciemos pela figura abaixo:

---

<sup>1</sup> Na Paraíba, em 2018, pequenas cidades, a exemplo Monteiro, Barra de São Miguel, Mamanguape, Conde, Pedras de Fogo, realizaram a primeira versão de suas feiras (festas) literárias, muito em função do incentivo da Secretaria de Cultura do Estado. Boqueirão, até então, se colocava como a única cidade a realizar uma feira literária já consolidada no Estado. Em 2018, realizou a sua nona edição.

Figura 1: V FLIBARRA



Fonte: <http://www.memoriabsm.com.br/2018/05/2018-v-festival-literario-de-barra-de.html>

O Festival Literário de Barra de São Miguel (V FLIBARRA), seguindo uma tendência de tantas outras feiras, é temático: homenageia “artistas e personalidades da terra”. No cartaz, em segundo plano, fotos, antigas e mais recentes, que, provavelmente<sup>1</sup>, são dos homenageados, parecem presas a uma parede sóbria. Essas fotos estão quase rentes ao piso no qual, em primeiro plano e no centro, está um livro que, do ponto de vista imagético, sobrepõe-se às fotos e apresenta de modo mais claro o tema do evento: “Construindo o futuro com as memórias de nosso povo”. As cores (azul, branco, amarelo, laranja) são as mesmas que se fazem presentes na logomarca atual do município. A alusão ao passado (glorioso), a partir do qual será construído o futuro, parece encontrar ressonância nessas cores (as cores da cidade) e no sol<sup>2</sup> estilizado que desponta por trás de uma fita verde que parece enfeitar o livro para presentear o leitor.

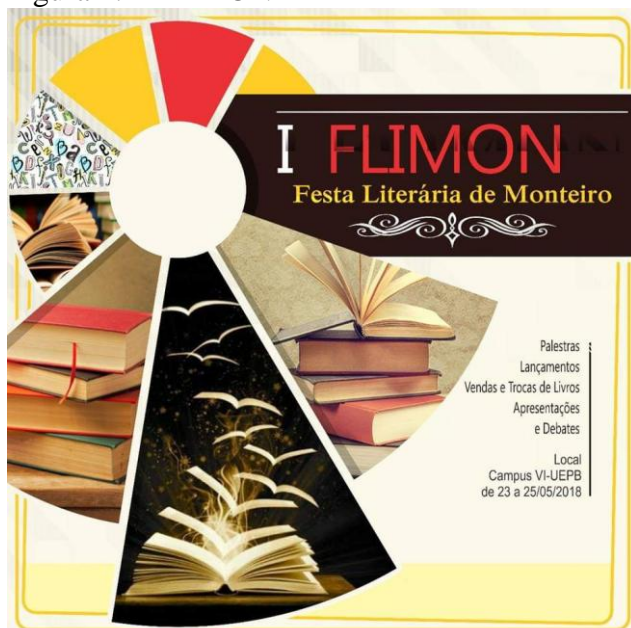
O passado está atrás (no fundo da imagem) e o livro que se entreabre, disforme e tímido, parece simbolizar o presente e o futuro. Mas que livro é esse que solitariamente se apresenta? De que trata? Das memórias “dos artistas e das personalidades” de Barra de São Miguel? A quem se abre? Às novas gerações? Estranhamente, as peças não se juntam. O livro surge como um mero adereço no cartaz, distante do leitor, apesar de se apresentar a ele!

<sup>1</sup> A imagem só me permite fazer suposições.

<sup>2</sup> O sol nas mesmas cores também aparece na logomarca do município, mas com uma pequena diferença: lá não aparecem os raios que sugerem luminosidade.

Passemos a outra imagem:

Figura 2: I FLIMON



Fonte: Cartaz do evento, cedido por Daniely Vieira Inô.

A primeira Festa Literária de Monteiro (I FLIMON) é-nos apresentada com uma imagem que lembra aqueles leques em que são apresentadas palhetas de cores: a sigla do evento, ao alto e à direita, em letras garrafais e em duas cores, em fundo preto, salta aos olhos do leitor. A estilização de um arabesco clássico<sup>1</sup> parece servir de bandeja para o nome da Festa (Festa Literária de Monteiro), evento que passa a ser apresentado ao leitor ou que se abre (se descortina) diante do leitor.

Lida no sentido anti-horário, a imagem parece sugerir a alegria da festa através das cores fortes, bem no alto e no centro da figura; em seguida, surgem letras embaralhadas, que começam tímidas antes de virarem livros que se abrem e se fecham diante do leitor; livros que se transformam em pássaros, que voam; livros que se amontoam e calmamente pousam diante de nossos olhos, que se interrogam: que livros são esses? Quem são seus autores? De que eles falam? De dores, de amores, de esperanças? E a mente dança e a imaginação voa como o livro-pássaro-gaivota! A festa literária festeja o livro cuja representação é idílica. Ler associa-se, portanto, à fruição, atividade que se deixa levar (voar) pelo sentimento, pelo prazer<sup>2</sup>.

Livros abertos também aparecem na imagem abaixo:

<sup>1</sup> Observem a correspondência com o arabesco clássico a seguir, facilmente encontrado em [www.google.com](http://www.google.com):



<sup>2</sup> A fruição nem sempre está relacionada à “maneira correta de ler”. Sobre os objetivos da leitura e os diferentes modos de ler, em diferentes épocas, ver Abreu (1999) e Sousa (2014).

Figura 3: FLIFOGO



Fonte: <http://destinoparaiba.pb.gov.br/pt/event/feira-literaria-de-pedras-de-fogo-pb-flifogo/>

Assim como na figura anterior, os livros dessa figura também se abrem e parecem querer voar, mas estão presos em bolhas. Um deles aparece mais nítido, enquanto os outros estão fora de foco. Distantes do leitor, inacessíveis, os livros desaparecem da página (da visão do leitor). Estranha imagem! O cartaz da Festa Literária de Pedras de Fogo dá destaque à data do evento e aos apoiadores (governos do estado e do município).

Passemos a outro cartaz:

Figura 4: 1ª FLIVM



Fonte: <http://paraibadebate.com.br/>

As letras que caem ou escorrem do livro formam caminhos que parecem querer chegar a outros lugares (a outros olhos, ouvidos?) e se transformam em uma lâmpada representando as novas ideias que saem dos livros. É o leitor ou o autor que carrega o livro que derrete? Quero crer que é o leitor, que lê e que se capacita a ter boas ideias. Há uma clara alusão à compreensão de que o livro sempre produz conhecimento, de que ler sempre provoca ou gera boas ideias.

Essa positividade atribuída ao livro também pode ser percebida no cartaz da Festa Literária de Pocinhos (FLIPOCINHOS), que traz uma árvore de livros:

Figura 5: FLIPOCINHOS



Fonte: <https://paraibaonline.com.br/2018/11>

É posição, sem forçar a análise, associar essa árvore a outra. A árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal são bíblicas: estão no centro do jardim em Éden. A descrição se encontra em Gênesis 2-3 e, enquanto a árvore da vida simboliza a imortalidade, a árvore do conhecimento simboliza sabedoria, mas também o pecado, a descoberta de que o “rei está nu”.

A árvore de livros, presente na figura 5, alude diretamente ao conhecimento, em geral, ligado ao bem, afinal, a imagem de livros que hoje prevalece é sempre positiva, ou seja, os livros, tal qual o concebemos hoje, não ensinam o mal, não fazem mal<sup>1</sup>. Assim, na árvore do cartaz, vemos livros e mais livros (os frutos), de várias cores, abertos, fechados, voltados ou não para leitor. Nesse caso, considerando-se esse viés positivo, diríamos que esses frutos tanto podem referenciar a imortalidade do autor quanto a sabedoria, o sabor e a delícia que a leitura proporciona.

A Festa Literária de Boqueirão (FLIBO) possui uma logomarca que se faz presente em cartazes de edições anteriores do evento: a imagem estilizada de um livro aberto sobre o qual há uma silhueta de um sujeito correndo (o leitor).

Figura 6: Logomarca da FLIBO



Fonte: <http://flibopb.blogspot.com>

Na edição de 2018, que teve como homenageada Clarice Lispector, o leitor é o

---

<sup>1</sup> É preciso, contudo, não esquecermos que nem sempre é essa imagem positiva do livro e da leitura que se tem. O livro já foi referenciado como aquele fruto que faz mal ao corpo (provoca cegueira, dores na coluna) e à mente (provoca loucura, mau comportamento, desobediência). Muitas fogueiras, em diferentes épocas, já foram erguidas com livros. A esse respeito, ver, dentre outros, Manguel (1997) e Chartier (1999).



foco do cartaz, é o personagem principal da Festa Literária:

Figura 7: FLIBO



Fonte: <http://flibopb.blogspot.com/>

Há uma ênfase na imagem da criança leitora, que, posicionada do lado direito da imagem e em tamanho maior que as outras imagens, é erigida a público alvo da FLIBO. É uma imagem emblemática do leitor dado que o modo como a criança é representada gera vários simulacros sobre os quais precisamos refletir. Os gestos de leitura aqui revelados remetem para outros leitores ausentes. A introspecção da criança, a postura do corpo, os óculos e o modo como ela os segura simulam o leitor adulto. Sentada sob uma pilha de livros velhos, a criança leitora constrói sua leitura, sozinha, mas sustentada/apoiada/assentada sobre o passado e, ao mesmo tempo, sobre o seu futuro de leitora. Presente, passado e futuro se misturam numa só imagem, com a advertência (implícita) de que os eventuais leitores do passado e do futuro (implícito na imagem e figurativizado pelos livros antigos e volumosos) não são os mesmos do leitor do presente (presente na imagem). Afinal,

[...] ler reclama um sujeito da leitura (os leitores) que, dependendo do objeto da leitura (os textos), não pode ser qualquer um. Por sua vez, o objeto da leitura reclama/exige, além de sujeitos específicos, modos de ler, que são constrangidos (delimitados ou limitados) por regras sociais, culturais, enfim, históricas. (SOUSA, 2014, p. 86)

O chamamento para a feira literária de Campina Grande contou com duas peças publicitárias. O primeiro cartaz, reproduzido a seguir, foi o que teve uma maior circulação:

Figura 8: FLIC1

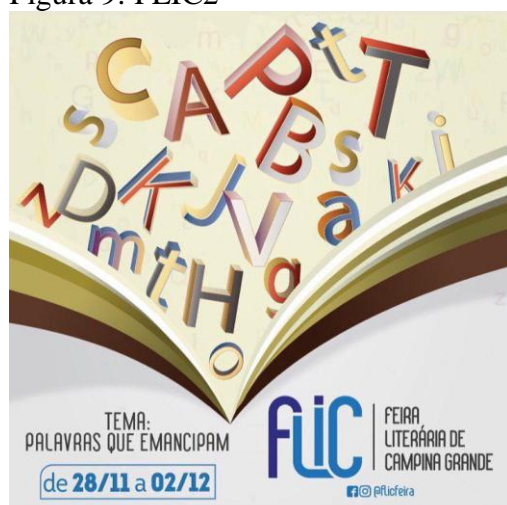


Fonte: <http://paraibadebate.com.br/campina-grande-tera-la-feira-literaria-em-novembro-e-dezembro/>

Vejamos que, diferente de todos os cartazes até agora analisados, nem livros, nem leitores se acham representados. Apenas a sigla, seguida do nome do evento, se destaca em letras azuis e bastante sóbrias. Esse jeito *clean* beira à impessoalidade. A feira asséptica, de ninguém e de todos. Quem faz? Quem promove? Para quem? O modo anônimo de se representar no mundo parece encontrar a representação máxima nas cores e na escolha do formato das letras. Essa é uma exceção à regra visto que, no geral, predomina um modo (quase naturalizado) de se referenciar as feiras literárias. Daí o estranhamento do leitor do cartaz.

Talvez exatamente por isso, o segundo cartaz, ao qual tive acesso apenas na versão final deste artigo<sup>1</sup>, retoma o estereótipo das representações de Feira Literárias:

Figura 9: FLIC2



Fonte: <http://campinafm.com.br/portal/dia-28-de-novembro>

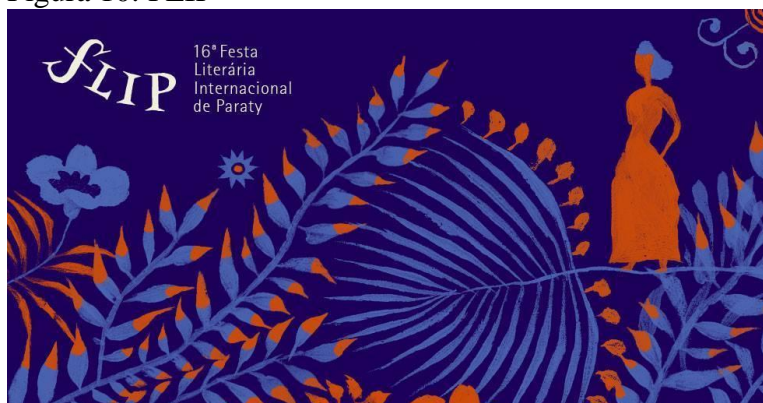
A imagem é dividida ao meio por uma figura estilizada de um livro. Acima do livro aberto, flutuam letras dispersas, diversas, as quais podem remeter para a ideia de conhecimento associado ao livro – talvez numa referência ao tema do evento: “Palavras que emancipam” que se encontra abaixo do livro – e para a ideia de dispersão dos sentidos. Também abaixo do livro, o cartaz anterior (FLIC1) passa a ganhar o status de logomarca do evento.

<sup>1</sup> Essa Figura 9 me foi enviada após submissão do texto ao(à) parecerista da revista. Desconheço quem fez a indicação, mas acabei encontrando no site que consta da fonte. Em várias consultas feitas através do aplicativo Google, tive acesso a vários sites em que consta apenas a Figura 8. Daí porque resolvi citar as duas.

## Quase uma conclusão

A referência ao livro ou ao leitor, ao lúdico, ao idílico ou ao sonho que a leitura proporciona está presente em praticamente todos os cartazes, a que tive acesso, de feiras literárias espalhadas pelo Brasil. Citei apenas dois exemplos que considero bem representativos: o da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e o da Festa Literária Internacional de Pernambuco (FLIPORTO)<sup>1</sup>.

Figura 10: FLIP



Fonte: <https://www.traum.com.br/evento/flip-2018-festa-literaria-internacional-de-paraty/>

As cores, as flores, os galhos, a leitora que caminha sobre os galhos, tudo é pura poesia. A sigla do evento parece flutuar sobre o lugar dos sonhos, do prazer, da fruição.

A FLIPORTO também convoca o lúdico, mas aposta no “diálogos no contemporânea” como temática do evento:

Figura 11: FLIPORTO



<http://www.domingocomposia.com.br/2018/08/>

Os diálogos que surgem no grande balão de fala azul à direita estão assentados sobre as águas azuis (de Porto de Galinhas) cujas ondas reverberam, propagam-se, inclusive, com a presença de pequenos outros balões de fala. Do megafone, dentro do grande balão, saem livros, lápis, “aviõezinhos de papel”, símbolo de *whatsapp*. A

<sup>1</sup> A FLIPORTO, criada em 2005, nasceu como Feira Literária Internacional de Porto de Galinhas (município do litoral pernambucano) e ganhou o status de representante do estado, tendo várias de suas versões realizadas em Olinda, Pernambuco. Em 2018, ela voltou para Porto de Galinhas. Para maiores informações: <http://fliporto.com.br/>

modernidade precisa dialogar com o passado, os suportes da escrita são muitos; o livro é a grande estrela das feiras, mas parece que começa a dar espaço para outros suportes da escrita.

Todas essas peças publicitárias retomam a representação da leitura que está na base da definição de Literatura como “[...] um conjunto de textos capazes de tornar as pessoas melhores [...]” (ABREU, 2006, p.81). Naturalmente, paralela ou complementar a essa concepção, há quase sempre a compreensão de que não é qualquer texto que promove o bem, mas apenas aqueles considerados representantes da *Grande Literatura*, do cânone (nacional e internacional) que se consolidou ao longo dos séculos, das décadas, dos anos. Essa compreensão é desmontada por Márcia Abreu com um argumento muito simples e bem prosaico: “Uma definição de Literatura como fonte de humanização não se sustenta diante do fato de que há gente muita boa que nunca leu um livro e gente péssima que vive de livro na mão.” (ABREU, 2006, p. 83).

## Referências

ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leitura das Belas Letras no Brasil Colonial. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006

CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: **Roger Chartier – A força das representações: história e ficção**. ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). Chapecó, SC: Argos, 2013.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.  
*DEMENECK, Ben-Hur. Festival de feiras. Disponível em:*  
<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=791>.  
*Acesso em: 08 de fev. 2019.*

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LINDOSO, Felipe. **Feiras de livro, Indústria editorial, fomento à leitura e profissionalização de autores**. 2013. Disponível em: <  
[http://conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Felipe-Lindoso\\_Feiras-de-Livros.pdf](http://conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Felipe-Lindoso_Feiras-de-Livros.pdf)>. Acesso em: 11 de fev. de 2019.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. Discursos sobre a leitura e o leitor: a contradição que ensina. **Revista Letras**, Curitiba, n. 89, p. 81-98, jan./jun. 2014. Curitiba: Editora da UFPR, 2014

VARGAS, Suzana. **O que se festeja nas festas literárias?** Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932>.

*Acesso em: 08 de fev. 2019*

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001

*Recebido em 24 de janeiro de 2019*

*Aceito em 20 de fevereiro de 2019*

## A (SUPOSTA) FALTA DE LEITURA DOS CAMPINENSES: UM DISCURSO NADA NOVO<sup>1</sup>

### THE (ALLEGED) LACK OF READING OF CAMPINENSES: A NOT SO NEW SPEECH

Danielly Vieira Inô\*

**Resumo:** No presente artigo, pretendemos desenvolver uma reflexão sobre a existência ou não de leitores na cidade de Campina Grande-PB. Para discutir razoavelmente este tema, é essencial pensarmos sobre questões como: quem lê? O que lê? Como lê? E onde lê? O caminho escolhido para contribuirmos com as discussões em torno do tema foi o de relacionar essas perguntas a um espaço público de leitura, que existe na cidade de Campina Grande-PB desde 1938: a sua Biblioteca Pública Municipal. Mas, dentro desse terreno movediço que são as práticas de leitura, especialmente aquelas realizadas em bibliotecas, pretendemos fazer um recorte que nos levará à Campina Grande dos anos 1950 e ao que se dizia nos jornais sobre o assunto. Mais especificamente, retomaremos textos que circularam nos jornais *O Momento* (setembro/1950), *Jornal Formação* (outubro/1951 e outubro/1953), *O Globo* (julho/1952 e agosto/1952), *Jornal do Estudante* (agosto/1953), e que se dedicaram a discutir *se e o que se lia* na cidade, sobretudo em sua Biblioteca Pública Municipal. Serão analisados ao todo 06 (seis) textos, com o objetivo de verificar que concepções de leitura e leitores estavam subjacentes a eles, ao mencionarem as práticas desenvolvidas naquele espaço.

**Palavras-chave:** Leitura. Biblioteca. Leitores

**Abstract:** In the present article, we intend to develop a reflection about the existence or not of readers in the city of Campina Grande-PB. To reasonably discuss this topic, it is essential to think about such issues as: who reads? What is read? How the reading is done? And where does this reading take place? The path chosen to contribute to the discussions about this theme was to relate these questions to a public reading space, which has existed in the city of Campina Grande-PB since 1938: its Municipal Public Library. But, within this shifting ground of reading practices, especially those carried out in libraries, we intend to make a cut that will take us to Campina Grande of the 1950s and to what was said in the newspapers on the subject. More specifically, we will return to texts that circulated in newspapers such as *O Momento* (September / 1950), *Jornal Formação* (October / 1951 and October / 1953), *O Globo* (July / 1952 and August / 1952), *Jornal do Estudante* that were dedicated to discuss if and what was read in the city, especially in its Municipal Public Library. A total of six (6) texts will be analysed in order to verify which concepts of reading and of reading were implied by them, when mentioning the practices developed in that space.

**Keywords:** Reading. Public Library. Readers

### 1 Para início de conversa

Diante do convite para participar de uma mesa redonda cujo tema está elaborado sob a forma de uma pergunta, imaginamos que a expectativa era de que nós, palestrantes, iríamos apresentar uma resposta. Bastaria, então, escolhermos entre o *sim* e o *não* e argumentarmos a favor do nosso posicionamento sobre Campina Grande ser ou não uma cidade de leitores. Contudo, essa tarefa não é tão simples quanto possa parecer, pois requer responder a outras questões que lhe são anteriores, como: o que significa ser *leitor*? Que critérios costumam ser levados em consideração para determinar a classificação de alguém como *leitor* ou não? E quem os determina (os critérios e as

---

<sup>1</sup> Este texto recupera parte das discussões realizadas pela autora na mesa redonda “Campina Grande: uma cidade leitora?”, dentro da programação da I FLIC.

\* Professora Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba. dany\_vi@yahoo.com.br

classificações)? As respostas a esses questionamentos, por sua vez, variam bastante, a depender de vários fatores, entre eles, a época e o respectivo contexto sócio-histórico-cultural.

É natural, no entanto, que olhemos para o tema de maneira anacrônica, a partir da perspectiva que, majoritariamente, partilhamos hoje. Neste sentido, a ideia, bastante difundida socialmente, é a de que um (bom) leitor seria aquele que lê muito, preferencialmente livros e livros de literatura (ao que parece, quanto mais próximos do cânone e mais distantes da lista dos best-sellers, melhor). Diante de um posicionamento como este, quem lê fenômenos literários como a saga Harry Potter, ou quem é fã de quadrinhos, ou ainda quem prefere ler poetas que publicam seus textos em sites e redes sociais, não seria considerado (bom) leitor. Apenas por essa comparação superficial já é possível perceber o quanto essa noção de leitura e de leitores é insuficiente para contemplar a diversidade de práticas que sempre existiram e se intensificaram recentemente com o avanço das tecnologias.

A discussão proposta pela mesa redonda da FLIC – “Campina Grande: uma cidade leitora?” – nos deu a oportunidade de problematizar essas noções, na busca por compreendermos se temos ou não uma cidade que lê. Mas, se quisermos refletir razoavelmente sobre o tema, é essencial pensarmos sobre questões como: quem lê? O que lê? Como lê? E onde lê? Como se pode perceber, temos muitas perguntas e, talvez, nem tantas respostas. O caminho escolhido para contribuirmos com essa reflexão foi o de relacionar essas perguntas a um espaço público de leitura, que existe na cidade de Campina Grande-PB desde 1938: a sua Biblioteca Pública Municipal.

Mas, dentro desse terreno movediço que são as práticas de leitura, especialmente aquelas realizadas em bibliotecas, pretendemos fazer um recorte que nos levará à Campina Grande dos anos 1950 e ao que se dizia nos jornais sobre o assunto. Mais especificamente, retomaremos textos que circularam nos jornais *O Momento* (setembro/1950), *Jornal Formação* (outubro/1951 e outubro/1953), *O Globo* (julho/1952 e agosto/1952), *Jornal do Estudante* (agosto/1953), e que se dedicaram a discutir *se e o que* se lia na cidade, sobretudo em sua Biblioteca Pública Municipal. Serão analisados ao todo 06 (seis) textos, com o objetivo de verificar que concepções de leitura e leitores estavam subjacentes a eles, ao mencionarem as práticas desenvolvidas naquele espaço.

O presente artigo, então, encontra-se dividido em duas partes principais: na primeira, serão discutidos fundamentos desse discurso sobre a leitura que nos falta; na segunda, serão analisados os textos sobre a Biblioteca de Campina Grande e sobre as práticas de seus leitores nesta instituição.

## 2 Leitura em falta

Na tentativa de descrever os leitores de biblioteca, bem como suas práticas de leitura, verificamos que ambos – leitores e práticas – só podem ser apreendidos, por vezes, através de relações indiretas ou suposições fundadas em documentos relacionados ao funcionamento das bibliotecas. Dificilmente, há o registro preciso de *como* eles liam nestas instituições ou a partir delas. Portanto, buscar essas práticas não deixa de ser uma operação de caça (CERTEAU, 1994), no qual o pesquisador conta apenas com sinais deixados indiretamente e despercebidamente por esses leitores ou por documentos que focalizam a leitura de maneira geral. Nesse sentido, o trabalho do pesquisador aproxima-se do método proposto, no final do século XIX, pelo italiano Giovanni Morelli para a análise de pinturas: segundo retoma Ginzburg (2007), Morelli propõe que a autenticidade das obras seja verificada através da observação de características presentes em detalhes que costumeiramente não eram analisados pelos

especialistas, tais como a forma de pintar o lóbulo da orelha ou as unhas. Ele acreditava ser necessário “examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia” (GINZBURG, 2007, p. 144), pois estes eram mais difíceis de ser reproduzidos pelos falsificadores, justamente por não serem muito vistosos. Cabia ao especialista, então, buscar aí indícios da originalidade do estilo de cada pintor a fim de separar os quadros verdadeiros dos falsos.

Tendo em vista as raras referências aos leitores de biblioteca, deparamo-nos com a mesma necessidade de buscar as práticas desses leitores através dos “pormenores” que escapam nas histórias contadas sobre estes espaços de leitura, uma vez que os leitores não costumam, na maior parte dos textos, ser mencionados. Essa ausência pode levar à falsa ideia de que esse leitor, efetivamente, não existia/existe. Alia-se a essa invisibilidade o fato de que os leitores, de forma geral, ao serem mencionados em textos nos quais se discute a leitura, costumam ter suas práticas negadas por serem consideradas inadequadas ou ilegítimas. Nesse caso, diz-se que não há leitores, mas na verdade o que não há são os “bons leitores” (ABREU, 2002): aqueles que lêem as leituras consideradas corretas, de forma adequada (em termos de gestos e de interpretações) e nos locais indicados. Nesse sentido, como os critérios para definir o que é um (*bom*) leitor variam consideravelmente, também é variável o discurso diante da existência ou não dessa figura. Segundo Abreu (2002),

Por detrás de afirmações corriqueiras nos dias atuais, como “ler é bom”, há uma seleção implícita de um conjunto de obras que tornam “bom” o ato de ler e que justificam outras tantas afirmações, também bastante comuns, como “os jovens não têm o hábito da leitura”. Na verdade, lê-se muito livro de auto-ajuda, de vulgarização científica, muita ficção científica, história em quadrinho, lê-se muito livro sobre *hobby*, sobre astros da música e do cinema, muitas recolhas de piadas. Mas lêem-se pouco os “bons livros”: pouca filosofia, pouca literatura erudita, pouca reflexão política séria. Em resumo, parece haver uma diminuição do interesse pelos livros positivamente avaliados pela escola, pela academia, pela crítica literária. (p. 14-15).

Diante dessas leituras negativamente avaliadas, ocorre também a negativa da leitura e dos leitores, afirmando-se que aqui não se lê. Mas, como se sabe, nem sempre a leitura de literatura foi a prática considerada ideal e nem sempre um bom leitor era aquele que lia muito. O filósofo Arthur Schopenhauer, por exemplo, elaborou severas críticas, no século XIX, à leitura extensiva, que ganhava espaço com a multiplicação de impressos na Alemanha, e ao tipo de obra que se lia. Segundo ele, obras que fazem grande sucesso com as massas são de qualidade duvidosa e não contribuem para a reflexão crítica. Para este pensador, as pessoas deveriam ler menos, refletir mais detidamente sobre o que lêem e escolher as leituras não em função do sucesso de público que elas alcançaram ou pelo seu teor de novidade, mas pela sua inserção numa tradição e pela notoriedade alcançada pelo autor:

Como as pessoas lêem sempre, em vez dos melhores de todos os tempos, apenas *a última novidade*, os escritores permanecem no círculo estreito das idéias que circulam, e a época afunda cada vez mais em sua própria lama.

Por isso é tão importante, em relação ao nosso hábito de leitura, a arte de *não* ler. Ela consiste na atitude de não escolher para ler o que, cada momento determinado, constitui ocupação do grande público; por exemplo, panfletos políticos ou literários, romances, poesias etc., que causam rebuliço justamente naquele momento e chegam a ter várias edições em seu primeiro e último ano de vida. Basta nos lembrar de que, em geral, quem escreve para os tolos encontra sempre um grande público, a fim de que nosso tempo



destinado à leitura, que costuma ser escasso, seja voltado exclusivamente para as obras dos grandes espíritos de todos os tempos e povos, para os homens que se destacam em relação ao resto da humanidade e que são apontados como tais pela voz da notoriedade. Apenas esses espíritos realmente educam e formam os demais. (SCHOPENHAUER, 2010, p. 132-133. Grifos do autor)

É evidente, portanto, uma escolha por práticas de leitura específicas: há aí uma indicação sobre qual é a leitura considerada mais adequada e sobre qual a forma correta de realizá-la. Além disso, é interessante observar que, na recusa em relação ao que se lê e como se lê na Alemanha do século XIX, Schopenhauer acaba dando indícios de que a leitura era uma prática bastante comum, que ela acontecia nas camadas mais populares e com grande frequência e intensidade. O problema, para ele, estava na escolha do que ler e do como ler, ou seja, as pessoas liam, mas liam as obras erradas e do modo errado. Seu principal argumento é o de que uma obra, desde que atinja a popularidade, passa a ser considerada uma obra de qualidade duvidosa, pois ele parte do raciocínio de que, se agradou a diferentes grupos sociais, é porque é uma obra para “tolos” e, portanto, não deve ser lida por quem desejar “eivar seu espírito”. Assim, leitura boa é a leitura de uma certa elite, leitura a que poucos têm acesso e que poucos conseguem decifrar.

Não deixa de ser, então, uma tentativa de reforçar o poder através da leitura: se esta chega a todos, indiferenciadamente, não pode ser considerada boa; se muitos lêem e lêem muito, também não é uma boa prática. Separando as obras em boas e ruins, ele completa:

Quanto às obras ruins, nunca se lerá pouco quando se trata delas; quanto às boas, nunca elas serão lidas com frequência excessiva. Livros ruins são veneno intelectual, capaz de fazer definhar o espírito.

Para ler o que é bom uma condição é não ler o que é ruim, pois a vida é curta, o tempo e a energia são limitados. (SCHOPENHAUER, 2010, p. 133.)

Uma evidência de que são variáveis os critérios que levam a considerar uma leitura como *boa* ou *ruim* está numa publicação realizada no jornal *Voz da Borborema*, no qual o jornalista comenta a obra de Monteiro Lobato, *História do Mundo para Crianças* (publicada em 1933). A obra é uma adaptação, destinada ao público infantil, da história da evolução humana, desde a formação da Terra até a Segunda Guerra Mundial. A clara referência à teoria evolucionista, de Charles Darwin, parece ser o que causa maior indignação no autor do texto jornalístico (que não é identificado pelo jornal), como se pode perceber no fragmento a seguir:

Sob o ponto de vista doutrinário, é profundamente lamentável o desamor e a incúria do Sr. Monteiro Lobato em se servindo de as vasta inteligência e capacidade para ilustrar encantadoramente um livro que logo no princípio traz conceitos que ferem fortemente a doutrina christianizada. O ponto culminante de suas falsas idéas que merece justos protestos da parte dos escriptores catholicos, é a sua desmedida espontaneidade quando diz publicamente que o homem teve origem simiana, pois, apresenta o homem como originário de um ser bruto – o macaco – e não ter pêjo de oppor-se à bellíssima narração da Sagrada Escriptura sobre o homem primitivo. (*Voz da Borborema*, 3 de novembro de 1937)

O autor, claramente, fala a partir de um posicionamento orientado pela religião católica e traz para o seu texto a discussão entre a teoria criacionista e a evolucionista sobre a origem do mundo. Segundo a sua perspectiva, apesar do reconhecido valor de Monteiro Lobato, a leitura do seu livro seria prejudicial às crianças, juízo que leva o seu

resenhista a não recomendar essa obra e até mesmo condená-la:

[...] Por que o sr. Monteiro Lobato não se serve do seu grandioso talento literário, consagrando-o a uma causa mais elevada?  
Será que elle se serve da fertilissima imaginação da criança incauta, infiltrando-lhe princípios extravagantes e illusórios?  
Em synthese, a “História do mundo para crianças” é um livro tal e qual a comparação feita por um outro escriptor catholico: “É como certas farinhas alimentícias: agradam, mas, fazem mal.  
(*Voz da Borborema*, 3 de novembro de 1937)

O argumento defendido pelo autor desse texto que condena Monteiro Lobato aproxima-se daquele defendido por Schopenhauer (2010), retomado anteriormente, e foi verificado por Abreu (2002) também nos tratados setecentistas:

O verdadeiro belo, o verdadeiro bom, é aquilo que agrada àqueles que têm muito espírito e gosto. [...] Mas frequentemente aquilo que agrada muito àqueles que têm muito espírito e gosto, agrada menos, ou mesmo não agrada absolutamente àqueles que o têm em menor quantidade, e é bem natural que seja assim. O bom gosto em todas as matérias não é de forma alguma o gosto da maioria em geral, é gosto do maior número daqueles que têm as qualidades, os conhecimentos, a experiência necessária para julgar bem a matéria de que se trata; é, se posso me exprimir assim, o gosto mais comum entre as pessoas menos comuns. (tratado setecentista recuperado por ABREU, 2002, p. 218)

Por vezes, a suposta “leitura ruim” ou “errada” é equiparada à falta de leitura, ou seja, as práticas de quem lê aquelas obras consideradas ilegítimas e/ou o faz da maneira também considerada inadequada acabam sendo negadas e com base nessa negativa constrói-se a afirmação de que não há leituras nem leitores.

No Brasil, há muito tempo o discurso sobre a leitura tem sido o da falta e veio se concretizando de diferentes maneiras: seja nos relatos de viajantes europeus que vieram ao país no século XIX (ABREU, 2001); ou nos relatos de visitantes à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro nesse mesmo período (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009); ou ainda nos jornais da época e, mais recentemente, nas diversas campanhas de incentivo à leitura no país (se não há leitores, é preciso formá-los). Contudo, para não nos juntarmos aos pessimistas e fazermos coro ao seu eco de que *não há leitores*, é preciso analisar com cuidado as razões de seus lamentos e a noção de leitura que os orienta. Neste item, seguindo o caminho trilhado por Sousa (2011), discutiremos essa gênese do discurso da leitura como o discurso da falta, para, em seguida, relacionarmos-lo às notícias de jornal publicadas na década de 1950 sobre a Biblioteca Municipal de Campina Grande, as quais contribuem para formar uma imagem bastante distinta daquela registrada pelo jornal *A Voz da Borborema*, no primeiro ano de existência deste espaço de leitura.

Abreu (2001, p. 142), ao recuperar os relatos de viajantes, observa que todos referem-se à ausência da leitura e de uma vida letrada no Brasil. Mas a autora alerta para o fato de que

Tais viajantes eram europeus, frequentemente muito cultivados, que tomavam a alta cultura européia como parâmetro para suas avaliações. Para eles, a cultura revestia-se de alguns ícones: a abundância de livros presentes em bibliotecas ou espalhadas pelas casas, a freqüentação assídua a eles, sua sintonia com os avanços das ciências e das artes. Tinham em mente um tipo de leitura e de livro particulares.

Os critérios, portanto, para avaliar a existência de leitores e de uma cultura letrada no Brasil eram baseados no acesso a essa cultura e nos usos do livro tais como construídos nos moldes europeus. Além disso, não era o acesso e uso de qualquer livro, mas daqueles em “sintonia com os avanços das ciências e das artes”, o que nos permite no mínimo olhar com ressalvas à afirmação de que *não há leitores*. É preciso considerar ainda que a realidade que servia de modelo para os viajantes era bem distinta daquela encontrada no Brasil do séc. XIX, onde havia um grande número de analfabetos, era reduzido o número de escolas públicas e menor ainda o de bibliotecas<sup>2</sup>. Contudo, pela própria natureza dessas bibliotecas (destinadas às vezes a um público específico e nem todas abertas ao público) e pela constituição de seus acervos (formados principalmente por obras clássicas, publicadas em línguas estrangeiras, fato exaltado pelos viajantes), pode-se imaginar que sua frequência não era realmente comparável à de bibliotecas da Europa.

Por essa razão, os relatos de visitantes à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro no séc. XIX reforçam o coro: *não há leitores!*. De acordo com documentos recuperados por Lajolo e Zilberman (2009), a maior parte desses visitantes ressalta as boas instalações da biblioteca, a grandiosidade de seu acervo e o fato de que é aberto livremente para consulta do público. Paralelamente aos elogios, há sempre o lamento sobre a ausência de leitores: “[...] aqui é tão pouco sentida a importância das ocupações literárias, que as salas permanecem, por assim dizer, vazias” (SPIX; MARTIUS, apud LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 177). Ou ainda, como afirmou Thomas Ewbank a partir de viagem feita ao Brasil em 1844: “[...] cada pessoa decentemente vestida, branca ou preta, tem acesso livre à consulta [...]. Raramente encontrei ali mais de meia dúzia de consulentes [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009 p.180). Ora, encontrar os salões “por assim dizer” vazios, não é o mesmo que encontrá-los efetivamente vazios; “raramente” encontrar “mais de meia dúzia de consulentes” não significa que estes não existiam, que estes leitores não frequentavam a Biblioteca Nacional (talvez houvesse até um número significativo deles, se considerarmos o contexto).

Quase 50 anos depois desses relatos, na última década do século XIX, brasileiros “das letras” (como jornalistas e escritores) passam a corroborar o discurso da falta de leitura no Brasil. Em texto sobre a produção e o consumo de literatura no país, intitulado “Decadência litteraria” e publicado no jornal *Estado da Parahyba*<sup>3</sup> de 1891, lê-se:

Valentim Magalhães lamenta, pelas columnas do Paiz em seu numero de hoje a decadência em que decliva a arte da escripta no Brazil.

Lamenta e encontra os motivos desta apathia, ou melhor, desta terrível preguiça, que nos consome a vibratibilidade artística.

“Falta de meio, impropriedade de ambiente. Na capital onde se concentrava quasi todo o movimento litterario do paiz não ha logar para as letras e a febre do dinheiro, a carestia da vida, a desocupação das coisas da arte e a preocupação das da bolsa por parte do publico produziram a baixa na procura e, portanto, na producção.

Quase ninguem lê e, pois, quase ninguem escreve.”

Afirma. E em parte tem razão. Quase ninguem lê, disse bem, porque a leitura

---

<sup>2</sup> No Rio de Janeiro, eram apenas 04 (quatro): a Biblioteca Nacional (1814); a Biblioteca do Convento São Bento; o Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro (1837); e a Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838) (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 181). No Nordeste, a primeira biblioteca pública é a da Bahia, criada em 1839; e, na Paraíba, a Bibliotheca Pública da Parahyba, fundada em 1857, na cidade de Parahyba do Norte, hoje denominada João Pessoa.

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/index.html>

na sociedade brasileira é uma *massada* a quem poucos se dedicam. Ler, para o brasileiro, equivale a *caceteação*, sinonimo que, mais tarde, abrirá admirativamente os olhos aos lexicólogos.

Nas finas sociedades européas, discute-se litteratura e arte, na sociedade fluminense discute-se os preços dos vestidos, a raça dos cavallos e a belleza das carruagens compradas a pretenciosa burguezia arruinada do Rio da Prata.

[...]

Não ha sujeito favorecido pelos azares do jogo da bolsa que não possua dez anneis de brilhantes e outros tantos, alfinetes de gravata, um cavallo de raça, um [ilegível] e algumas duzias de vestuario. Ora, quem possui tantos brilhantes e tão grande numero de roupas, precisa exhibir-se e enquanto sae à rua em direcção ao passeio vespertino, ao hotel ou ao theatro, depois da labutação diurna que transforma esse *gentlemam* em moço de recados, não tem tempo para ler. E, de mais, a leitura é desnecessaria a tal gente. (*Estado da parahyba*, 19/07/1891, p. 3)

Como se vê, o jornalista de o *Estado da Parahyba* une-se ao de o *Paiz* para afirmar que no Brasil não há leitores e que a leitura é substituída por futilidades. Segundo o ponto de vista defendido no texto: as classes ricas não se interessam pela leitura, mas apenas pela vaidade alimentada pelos luxos frívolos (“os preços dos vestidos, a raça dos cavallos e a belleza das carruagens”), valorizados por seu grupo social; ou se desinteressam pela arte por terem outras preocupações (“a febre do dinheiro, a carestia da vida, a desocupação das coisas da arte e a preocupação das da bolsa por parte do publico”) ou por preguiça (“desta terrível preguiça, que nos consome a vibratibilidade artística”); ou ainda por falta de tempo (“não tem tempo para ler”).

No discurso desses jornalistas, fica claro que a leitura valorizada, mas não realizada pelos brasileiros, é a leitura de literatura e artes; portanto, subjacente a essa informação de que *não há leitores* no Brasil está a ideia de que a leitura a ser feita é a de *litteratura* e arte, o que se concretiza a partir de várias expressões utilizadas no texto para se referir à leitura que não é, mas deveria ser feita: “nos consome a vibratibilidade artística; Na capital onde se concentrava quasi todo o movimento litterario do paiz não ha logar para as lettras; Nas finas sociedades européas, discute-se litteratura e arte”.

Seu discurso, então, é orientado por essa concepção que leva os jornalistas a, possivelmente, negarem outras formas ou tipos de leitura realizados pelos brasileiros nesse período. Além disso, é importante observar que os autores desse texto estão se referindo à prática da leitura em apenas uma classe social – a elite –, cujos interesses são descritos como frívolos, por haver, segundo eles, um interesse excessivo com a aparência e nenhum interesse pela leitura. As práticas de leitura das classes menos favorecidas, são, então, ignoradas nesse comentário divulgado no jornal.

No entanto, no mesmo texto em que se lamenta o fato de que aqui não se lê, o jornalista reconhece a produção de literatura no país e a resistência de escritores que, ainda que mal pagos, dedicam-se à criação de prosa e versos:

Ainda assim, apesar dessa indiferença das classes ricas pelas artes, os nossos prosadores e poetas não esmoreceram. Não ha leitores, não ha livros; mas trabalha-se em segredo trabalha-se convictamente se bem que todo o trabalho fique na gaveta, pois os editores metamorphosearam-se em *emissores*, e os miseraveis ordenados de jornalismo não dão para a temeridade de uma publicação, nem desses [ilegível] feito às pressas sae um com a alma dos Mecenas.

Que melhor prova quer Valentim Magalhães que o aparecimento desses dois ânos livros – o de Coelho Netto e o de Domicio da Gama?

E, pouco? Mas a época é de emissões, não de edições, [sic]

E quantas obras anunciadas não temos?

Raul Pompeia está com um livro quasi prompto – Agonia.

Mallet tem um trabalho – *O prélo* e Olavo Bilac um livro de poesias; Aluizo prepara um novo romance; Lima Campos, originalissimo prosador moderno, burilos os últimos capítulos do *Atravéz*; Cruz e Souza, esse bello artista de [ilegível] que produz phrases sonoras como *crystaes*, rutilantes como astros organisa um livro de contos *Virgilio*, Vazea entregou ao prelo os *Campos e Mares*. Arthur de Miranda, que é um artista dedicadíssimo dá o último lavor a um livro de estréa intitulado [*Naturais*] e *Silhuetas*; Sylvio Freire revê as provas das [*Timidas*] e [trecho ilegível] exquisito sentimento de decadente, um excellente livro de versos, quentes como os vinhos de [ilegível] aromaticos como a myrra d’Oriente.

Que mais desejar, nesses tempo?

Bem sabemos que podíamos adiantar mais alguns passos, mais Valentim conhece bem o nosso publico para comprehender as deffeculdades com que se lucha.

Enquanto a censura aos artistas que desertaram da imprensa diária, é injusta. Fazer litteratura em jornal é muito bom quando o jornal paga generosamente o trabalho; mas fazer prosa e *cosinhar* ao mesmo tempo, à rasão de cento e cincoenta ou duzentos mil reis por mês e dependendo assim das imposições dos proprietários dos jornaes é impossível.

Tudo quanto se fizer ha de sair descosido, remendado, torto, como essas linhas que ahi ficam. (*Estado da Parahyba*, 19/07/1891, p. 3)

A ausência de leitores, tão lamentada no texto, promove, segundo essa publicação, a decadência literária anunciada no título do artigo. E essa decadência se reflete tanto na produção literária (em termos de quantidade e qualidade) quanto na própria valorização do ofício de escritor: os escritores são mal remunerados e, conseqüentemente, por não poderem dedicar-se exclusivamente à “arte da escripta”, veem cair a qualidade de sua produção, uma vez que “os miseraveis ordenados de jornalismo não dão para a temeridade de uma publicação”. E, sobre esse aspecto, merece destaque a afirmação de que, diante da baixa remuneração, “tudo quanto se fizer ha de sair descosido, remendado, torto, como essas linhas que ahi ficam”. Tal contexto de desvalorização da leitura de literatura transforma o ofício de produção literária em uma atividade de resistência por parte dos escritores, a quem cabe publicar, apesar de tudo (“Ainda assim, apesar dessa indiferença das classes ricas pelas artes, os nossos prosadores e poetas não esmoreceram. Não ha leitores, não ha livros; mas trabalha-se em segredo trabalha-se convictamente [...]”).

No entanto, se há produção literária (e, pelo que se lê acima, ela não é pequena), há leitores. Uma prova disso é que, nesse mesmo jornal, durante todo o ano de 1891, publica-se o número diário de leitores que frequentaram a biblioteca pública da Paraíba (fundada em 1857). Quase diariamente, encontra-se no jornal a seguinte entrada: “Bibliotheca Pública – Foi este estabelecimento frequentado hontem por 30 pessoas” (*Jornal Estado da Parahyba*, 03/04/1891, p. 3)

Essa frequência oscila: segundo publicado neste jornal em 03/03/1891, por exemplo, ela foi de 31 leitores no dia anterior; e em publicação de 12/11/1891, registra-se uma frequência de 10 leitores no dia anterior ao da publicação. Contudo, não se pode dizer que houve uma queda durante o ano, tendo em vista que no jornal de 13/11/1891 a frequência sobe para 20 leitores. O que se verifica, na verdade, nestes dados do *Estado da Parahyba*, é uma média que varia entre 20 e 25 leitores por dia na biblioteca, durante todo este ano de 1891. Considerando a população da cidade nessa época, as condições da instrução pública no Brasil e na Paraíba, bem como o número ainda elevado de analfabetos<sup>4</sup>, não podemos menosprezar esses números, nem tampouco considerá-los

---

<sup>4</sup> Segundo dados publicados por Gomes (1983), a Paraíba contava, em 1872, com uma população de analfabetos que chegava a 334.953, contra apenas 41.273 alfabetizados, o que significa dizer que 89% da

excessivamente baixos. Essa frequência dos leitores paraibanos se aproxima bastante daquela registrada algumas décadas antes, em 1861, na Biblioteca Nacional, e era considerada um “grande número”, segundo relato de Moreira Azevedo:

Outr’ora achava-se a bibliotheca em um prédio mau, pequeno, escuro, porém existia no centro da cidade, na vizinhança das academias e das salas de aula. Era então grande o número de freqüentadores, 20 a 30 iam diariamente consultar livros na bibliotheca; mas transferida para o Largo da Lapa, diminuiu muito o número de freqüentadores do estabelecimento: hoje já não são nem 20 nem 30, porém 7 ou 8. (AZEVEDO, 1861, apud SCHAPOCHNIK, 2002, p.291)

Pelas diferentes fontes utilizadas por pesquisadores percebe-se, então, que, já no séc. XIX, quando surgiu e se consolidou esse discurso da falta de leitura, havia muitos indícios que o invalidavam, mas que não parecem ter sido considerados: havia comércio de livros (BARBOSA, 2010); havia publicações de periódicos; havia bibliotecas públicas e particulares; havia intensa produção literária. A despeito do que diziam os viajantes estrangeiros e os homens das letras desse período, é insustentável a afirmação de que não havia leitores, de que aqui não se lia.

## **2.1 A Biblioteca Pública Municipal de Campina Grande no início dos anos 1950: o que noticiavam os jornais?**

No item anterior, discutimos sobre o discurso da falta de leitura/leitores no Brasil. O tempo passou, mas esse discurso permaneceu. Atualmente, outras razões são convocadas para explicar esta falta. Em 2015, o Instituto Pró-Livro realizou a quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. De acordo com os resultados desta pesquisa, apresentados em 2016, ao serem perguntados sobre as razões para não terem lido mais nos últimos 3 meses, os entrevistados alegaram falta de tempo (43%), desinteresse ou o fato de não gostar de ler (5%), a preferência por outras atividades (9%), passando pelas dificuldades de compreensão ao ler (4%), pelo preço do livro (7%) e pela ausência de bibliotecas próximas (8%), entre outras razões.

A negação da leitura que aqui se pratica é tão forte que em pesquisa realizada por Sousa (2008; 2009), os participantes, ao serem perguntados sobre suas leituras, afirmaram majoritariamente não gostarem de ler ou negaram ter o hábito da leitura, a despeito de efetivamente serem leitores no seu cotidiano e a despeito de pertencerem a certos grupos (como o de estudantes e professores, por exemplo), cuja condição de *não-leitores* seria contraditória, porque faz parte da própria inserção nestes grupos a pertença à categoria de *leitores*.

A Biblioteca Municipal de Campina Grande também foi alvo desse discurso da falta, especialmente no início dos anos 1950. Aproximadamente uma década após a sua fundação (que ocorreu em 1938), vamos reencontrá-la ainda como assunto de interesse dos jornais locais. Esse intervalo de tempo, embora a caracterize como uma instituição muito recente, se comparada a outras da mesma natureza, permite que possamos observar *se e como* ela se consolidou na sociedade campinense.

Houve um período na sua história, mais especificamente no início da década de 1950, em que se lia com relativa frequência nos jornais locais o lamento a respeito da ausência de leitores neste espaço ou sobre a inadequação das leituras ali realizadas pelos seus poucos frequentadores. A euforia inicial registrada durante o ano de 1938 pelo

---

população paraibana era analfabeta. O número de analfabetos, evidentemente, tende a diminuir ao longo dos anos, mas, em 1920, ainda equivale a 68,8% da população do Estado

jornal *A Voz da Borborema* (ESPÍNDULA, 2017) dá lugar, então, a reclamações diversas: quanto à estrutura da biblioteca, à ausência de leitores ou ainda quanto às suas leituras no interior da biblioteca. Geralmente, a insatisfação com a biblioteca já se manifesta no título de alguns desses textos, como, por exemplo: Biblioteca abjecta (*A Formação*, outubro/1953); Biblioteca vive às moscas (*O Globo*, 14/07/1952); e Biblioteca, livros e traças (*O Globo*, 04/08/1952). Nestas três manchetes é possível perceber a avaliação negativa a respeito da instituição, tanto em relação às condições estruturais (que a fazem ser qualificada como “abjecta”), quanto em relação à frequência (já que ela estaria entregue às traças e às moscas).

O primeiro desses textos, a ser analisado aqui, foi publicado no jornal *O Momento*, em 24 de setembro de 1950. Esse jornal, dirigido por um grupo de jornalistas pernambucanos (GAUDÊNCIO, 2012), faz um panorama desolador da biblioteca de Campina Grande e da leitura de uma forma geral, perpetuando o discurso de que aqui no país não se lê (ver Figura 1, a seguir).

Figura 1 – Notícia do jornal *O Momento* (setembro/1950)



Fonte: Jornal *O Momento* (setembro/1950) acervo Museu Histórico de Campina Grande-PB.

No texto, intitulado “Destino das nossas bibliotecas”, é possível encontrar de todos os discursos um exemplo: sobre a ausência de leitura e leitores, que transforma o Brasil num país que não lê; sobre a ausência de leitores na biblioteca municipal de Campina Grande, preterida em função de outros prazeres aparentemente mais atrativos aos jovens; sobre as condições de funcionamento da biblioteca, onde faltam livros e estrutura adequada – o que a torna menos convidativa, segundo o autor do texto (não identificado, já que a matéria não é assinada).

Enquanto a biblioteca é descrita como um lugar frio e abandonado, em situação oposta encontram-se “as casas de jogos e os cafés e as danças em lugares pouco recomendáveis”, pois estes “recebem a visita honrosa de muitos estudantes”. Essas observações levam a crer que a leitura não está entre as escolhas dos jovens nos seus momentos de lazer. Assim, não teria sido atingida a função inicial atribuída à biblioteca pelos letrados, que acreditavam ser esta instituição uma opção para as horas de “sadio deleite” dos campinenses. Essa imagem de biblioteca pública como um lugar disciplinador de comportamentos e práticas de leitura foi registrada por Hébrard (2009), na França de 1858. Ao propor que professores participassem de um concurso de ensaios sobre os benefícios de se fundarem bibliotecas públicas, o governo francês se deparou com opiniões convergentes nesse aspecto:

44 exposições acreditam que é um antídoto eficaz contra a ida a cabarés,



cafés e lugares mal freqüentados, ou, ainda, contra o gosto pelo jogo; 4 exposições vêm aí o meio mais seguro para fazer recuar os livros ruins; 4 acrescentam aos livros ruins as superstições; [...] Apenas 5 pensam tornar, dessa forma, mais eficaz o ensino dos cursos de adultos e das escolas de domingo e 4 veem aí o meio de completar o trabalho de instrução do professor primário. (p. 12-13)

Aparentemente, em relação à BPMCG, foi criado o lugar, mas não o desejo/a necessidade dele, nas práticas cotidianas dos cidadãos.

A despeito de todas as ausências e faltas (de recursos materiais a leitores), a frequência diária atingia cerca de 22 pessoas, número semelhante ao registrado na Biblioteca Nacional (RJ) em seus primeiros anos e na Biblioteca Pública da Paraíba, no final do século XIX. Não seria este, então, um percurso corriqueiro na consolidação de instituições dessa natureza? É possível que sim, tendo em vista que, guardadas as devidas proporções, essa frequência coincidente foi registrada justamente nos momentos em que essas instituições ainda estariam se firmando na sociedade e todas elas com o papel de difundir práticas letradas ainda distantes de boa parte da população.

O jornal *Formação*, ligado ao Centro Estudantil Campinense (associação de estudantes, fundada, entre outros nomes, por Ronaldo Cunha Lima), também publicou texto sobre a biblioteca. Em edição de outubro de 1951, encontramos em suas páginas mais um registro das condições da biblioteca de Campina Grande neste início de década. Essa referência se dá através de uma matéria que cita a perspectiva de um estudante, Ronaldo Sindou Ramires, que escreve uma carta para o jornal a fim de denunciar as péssimas condições daquele espaço de leitura. É com base nesta carta que o jornal publica o texto “Sobre a biblioteca municipal”, dividido em duas partes: a primeira, na página 2 e a segunda na página 4 da mesma edição. A seguir, transcrevemos os trechos que consideramos mais relevantes:

[...] O nosso companheiro missivista principia por lamentar profundamente o estado [sic] em que se encontra a Biblioteca Municipal. Diríamos, se fôssemos rigorosos no assunto, que praticamente não possuímos um centro de divulgação cultural desta natureza. Atualmente o que se vê ali, continua o colega Ramires, são livros cujo peso dos anos já recomenda um novo encadernamento... os vidros das estantes que se fazem tão necessários pela proteção que podem oferecer contra a poeira, os insetos, etc...estão em sua totalidade quebrados... [...]

Um tópico interessante que Ronaldo Sindou põe em evidência em sua criteriosa carta, é o fato de, pelo citado estado em que se encontra aquela Biblioteca, não oferecer esta o mínimo incentivo aos seus freqüentadores. [...] (*Jornal Formação*, outubro/1951, p. 2)

Assim como registrado em alguns momentos da história de outras bibliotecas (como a Biblioteca Pública da Bahia e a da Paraíba), na instituição de Campina Grande as condições de funcionamento provocam um descompasso entre a fundação da biblioteca e sua existência efetiva, uma vez que a precariedade da sua estrutura no decorrer dos anos faz com que os cidadãos afirmem que “[...] praticamente não possuímos um centro de divulgação cultural desta natureza”. A insatisfação atinge desde a ausência de manutenção dos livros (que precisam ser encadernados novamente, pois são já antigos) até a precariedade dos móveis utilizados, o que ameaça danificar o acervo por não acomodá-lo adequadamente. Esses fatores são apontados, inclusive, como alguns dos que contribuem para o fato de a biblioteca não “oferecer [...] o mínimo de incentivo aos seus freqüentadores”.

Outra crítica dirigida à biblioteca nesse mesmo texto diz respeito ao acervo

encontrado:

[...] Refere-se ainda Ramires à fraquíssima percentagem de livros didáticos, que absolutamente não satisfaz a procura valiosa dos estudantes esforçados; quanto às obras clássicas, seria um outro motivo para lamentações... [...]  
Quem não gostaria de frequentar uma Biblioteca completamente modernizada, com suas secções bem divididas, oferecendo a tódos oportunidades para conhecer, das mais recentes publicações às mais antigas obras já consagradas pela literatura universal? Não estamos a exigir todos os livros já editados no mundo, mas que seja ampliado o mais que se possa o patrimonio cultural da Biblioteca [...]. (*Jornal Formação*, outubro/1951, p. 2)

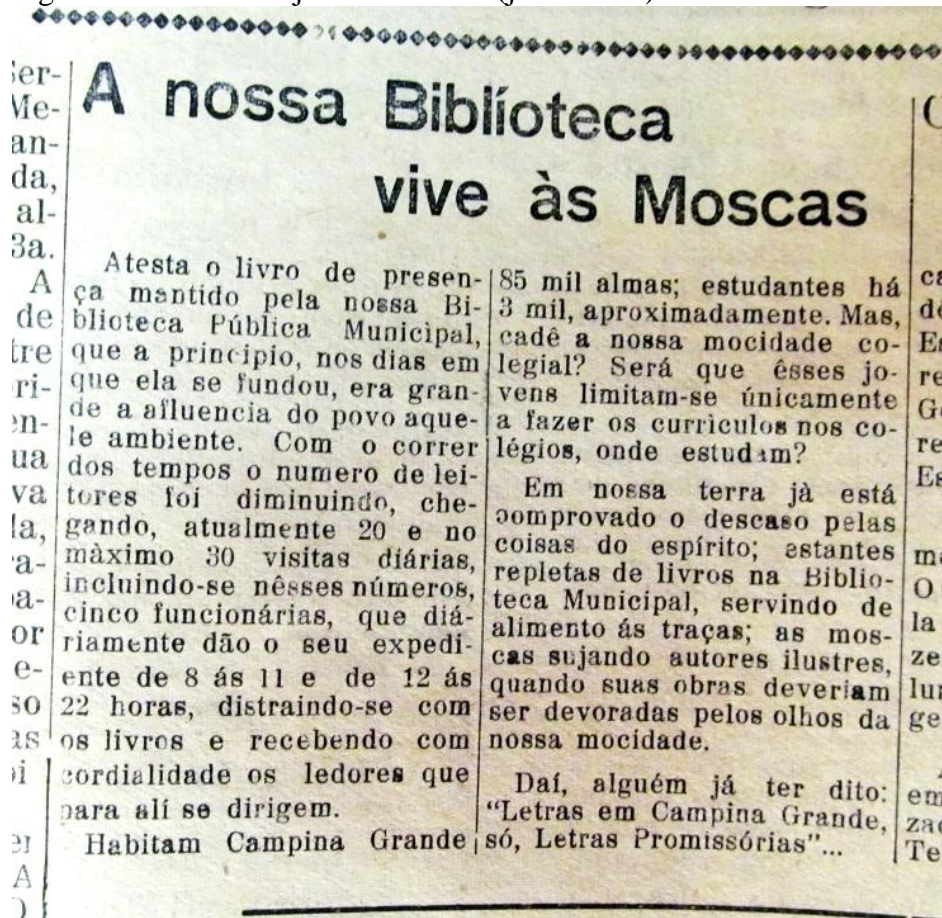
Então, a insatisfação passa pela ausência da manutenção do acervo existente, bem como pela falta de aquisições de livros para garantir a sua atualização, ou seja, a biblioteca negligencia, segundo o texto publicado, as obras já existentes e não realiza a compra de novas, o que contribui para a defasagem do acervo em todos os sentidos. Mas chama a atenção também, nesse texto citado, o destaque dado aos livros didáticos e à presença dos estudantes na biblioteca, o que justificaria ainda mais a necessidade de atualização a fim de que ela cumprisse sua função implícita: a pesquisa escolar.

No ano seguinte, em 1952, a biblioteca reaparece nos jornais, em dois textos publicados no periódico *O Globo*, recém criado pelo jornalista Francisco Asfora<sup>1</sup>; em ambos, o foco se volta para o abandono no qual se encontra a biblioteca por parte dos leitores. Vejamos o primeiro, recuperado integralmente na Figura 2, a seguir:

---

<sup>1</sup> Francisco Asfora foi um jornalista muito atuante na imprensa de Campina Grande, além de um líder estudantil. Pertencente a uma família ligada à política do Estado, exerceu cargos públicos e concorreu ao senado em diferentes ocasiões. Faleceu em novembro de 2013, aos 84 anos.

Figura 2 – Notícia do jornal *O Globo* (julho/1952)



Fonte: Jornal *O Globo* (julho/1952), acervo do Museu Histórico de Campina Grande-PB

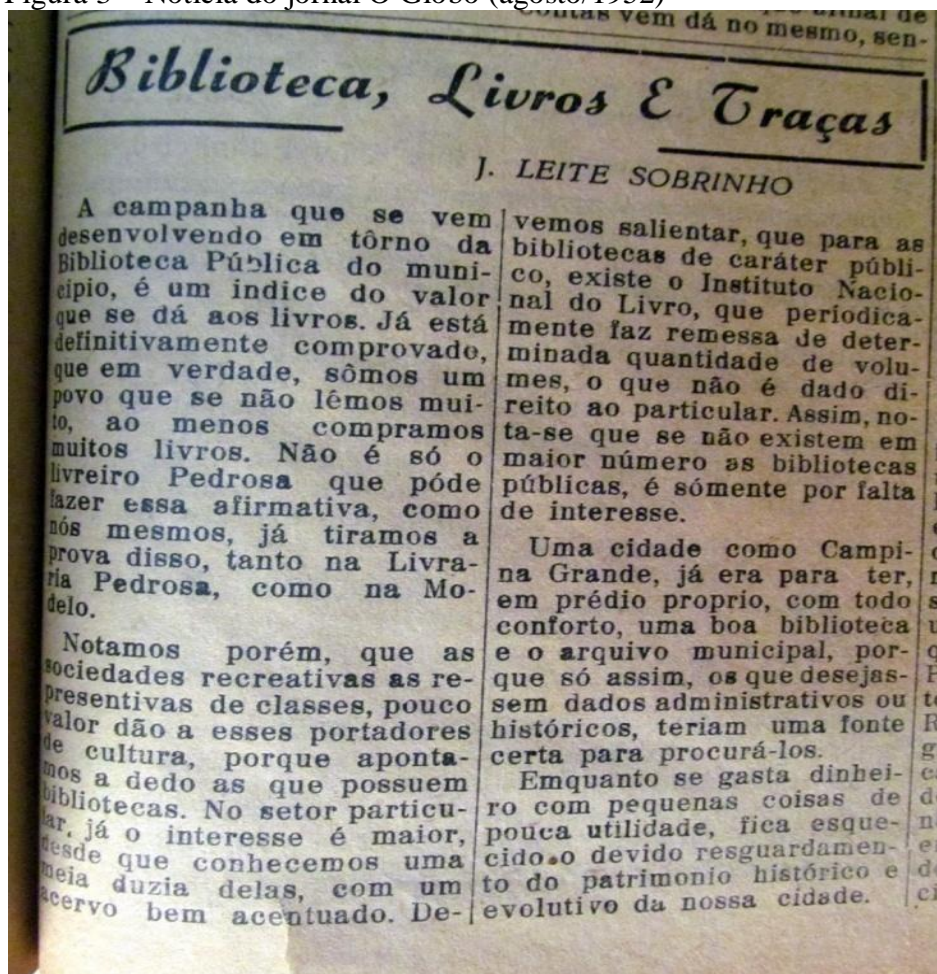
Há, nesse texto, o registro da impressão de que a frequência da biblioteca diminuiu consideravelmente ao longo do tempo, apesar de o estabelecimento funcionar nos três turnos, com uma interrupção de apenas uma hora no atendimento oferecido ao público. Mais uma vez os estudantes aparecem como os frequentadores esperados, cuja sentida ausência na biblioteca é questionada no texto: se há tantos estudantes na escola formal, onde estão eles que não visitam aquele espaço de leitura? Uma hipótese interessante é a de que esses estudantes teriam acesso à leitura nas próprias escolas onde estudam; contudo, o autor do texto (não identificado pelo jornal) parece não estar convencido disso e atribui essa baixa visitação ao desinteresse da população às “coisas do espírito”: “Em nossa terra já está comprovado o descaso pelas coisas do espírito; estantes repletas de livros na Biblioteca Municipal, servindo de alimento às traças; as moscas sujando autores ilustres quando suas obras deveriam ser devoradas pelos olhos da nossa mocidade”. Muda-se, então, o teor da reclamação: já não faltariam livros, mas leitores. Estabelece-se assim o raciocínio de que, se não é por falta de livros, não é por falta de horário disponível, nem por falta de acesso à escola, os campinenses não frequentam a biblioteca por pura falta de interesse em relação à sua formação cultural.

Reforça-se, com isso, o argumento de que o brasileiro não lê ou não gosta de ler; ainda, especialmente, que Campina Grande assume sua vocação comercial tão propagada, mas não mantém a mesma dedicação no que diz respeito à leitura: “Letras em Campina Grande, só, Letras Promissórias”. Como vimos no capítulo 1, essa é uma expectativa presente nos argumentos iniciais para a fundação da biblioteca: o ideal de que se atingisse o mesmo desenvolvimento cultural que o já alcançado nas áreas relacionadas ao comércio. Como se pode observar, na perspectiva do autor do texto

citado, os interesses da população continuam distantes das práticas valorizadas pela camada letrada (consequentemente, distante da leitura de livros e da biblioteca), assim como verificamos nos textos publicados na década anterior.

O discurso sobre a leitura e a biblioteca oscila, então, entre uma falta e outra: em julho, a falta é de leitores que se interessem pelas “coisas do espírito”; no mês seguinte, em texto publicado no mesmo jornal, o alvo da insatisfação se volta para o descaso com que a Biblioteca vem sendo administrada: ainda sem prédio próprio e sem investimento na estrutura física e no acervo. Segundo o autor do texto (ver Figura 3, abaixo), tal descaso não tem outra justificativa a não ser a falta de interesse, uma vez que o governo federal, através do Instituto Nacional do Livro, faz remessas de obras para essas instituições.

Figura 3 – Notícia do jornal O Globo (agosto/1952)



Fonte: Jornal *O Globo* (agosto/1952), acervo do Museu Histórico de Campina Grande-PB

Para José Leite Sobrinho, autor do texto acima, há leitores na cidade, embora ele traga para a discussão um contraste interessante: é possível que não se leia muito em Campina Grande, mas se compram muitos livros. Tal afirmativa remete à relação sempre presente entre a posse de livros e o *status* social. Livros sempre foram produtos caros, cuja compra não estava acessível para boa parte da população menos privilegiada (isso se aplica a qualquer época e lugar), então, poder comprá-los era uma forma de construir uma imagem positiva de si mesmo por dois fatores: o financeiro, porque demonstrava o poder de compra; e o cultural, porque inseria o comprador em uma elite que valorizava bens culturais como o livro.

Além disso, os lugares de compra de livros (como as livrarias Modelo e Pedrosa, citadas no texto) eram também lugares de sociabilidade, onde os campinenses se encontravam para falar sobre suas leituras, escritas, mas também para se manterem informados sobre os assuntos cotidianos da vida na cidade (GAUDÊNCIO, 2012; COSTA, 2012). Ir às livrarias, falar sobre livros e autores, eram práticas cultivadas pela elite letrada campinense e consideradas elegantes por este grupo social. O próprio livreiro Pedrosa foi, segundo Costa (2012), o responsável por criar uma rede de discussão em torno dos livros, rede que não se limitava à sua livraria, mas culminava nela: por onde passava, ele estava sempre tecendo comentários sobre os livros que lera, sobre os últimos lançamentos que chegaram à sua livraria e sobre as figuras ilustres que ali iam para conversar com seus pares ou para lançar suas publicações. Indiretamente, ele ia fortalecendo seu negócio, mas também estimulando a prática da leitura na cidade.

Não por acaso, em 1953 ele lançaria o Edifício do Livro, grande empreendimento no setor, com instalações amplas e modernas para atender o público, numa das ruas mais importantes do centro da cidade: a Maciel Pinheiro. Assim, aqueles que ouviam seu apelo e faziam do livro “seu melhor amigo” (slogan adotado na campanha de divulgação da livraria), podiam ali encontrar-se e atualizar-se.

[...] Pedrosa conseguia aglutinar num só espaço variedades em livros, lançamentos, cultura, lazer, intelectuais, pessoas interessantes para flertes, para retretas, para bebericar, além de ter um “precinho mais em conta”. A livraria era mais que um local de vender livros e material escolar. Era um ponto de encontro. Isso fazia a diferença. O sujeito frequentava o ambiente não apenas para comprar material, mas para consumir as conversas, consumir o espaço, como diria Certeau. (COSTA, 2012, p. 68)

O livreiro Pedrosa ainda criou um programa de rádio, veiculado pela Rádio Borborema sempre ao cair da noite (por volta das 18h), no qual comentava obras lidas e publicações recentes. Essas atitudes, sem dúvida, inseriam na vida da população um contato, ainda que indireto, com o mundo dos livros e da leitura. Todas essas estratégias funcionavam bem para que ele atingisse seu objetivo de vender livros, pois se era um hábito elegante da “gente culta”, todos queriam com ele se identificar. Assim, entre uma conversa e outra, ele ia vendendo livros e também moldando gostos: “[...] o próprio livreiro era um veículo de apresentação da leitura [...]. Ao escolher determinadas obras para colocar em suas prateleiras, Pedrosa veiculava sobre o consumidor um discurso de controle, de seleção de leituras, de organização, de domínio” (COSTA, 2012, p. 49).

Por outro lado, a afirmativa de que em Campina Grande se vendiam muitos livros, apesar de não se ler muito, também parece reconhecer, implicitamente, que comprar um livro nem sempre significa lê-lo e que essa prática de compra para ostentação, tão antiga (conforme comprovam, entre outros, os estudos de Chartier (1999b)), também poderia ser recorrente naquele momento em Campina Grande. É possível que nem toda essa gente polida e elegante que frequentava a livraria Pedrosa e se transformava em consumidora de seus produtos, especialmente dos livros, fosse necessariamente leitora. Afinal, ir à livraria estava relacionado também a outros interesses de sociabilidade e não apenas à leitura: dirigir-se àquele local significava encontrar pessoas, conversar, socializar-se tanto quanto seria possível indo a um café. Talvez a pouca frequência dos leitores reclamada no texto jornalístico citado se dê justamente pela ausência de uma rede de sociabilidade que envolvesse a biblioteca municipal e a colocasse como um lugar privilegiado de encontro entre os campinenses, em torno do livro e da leitura.

Ainda no texto publicado por José Leite Sobrinho no jornal *O Globo*, registra-

se o lamento sobre a falta de bibliotecas na cidade, uma vez que, segundo ele, as associações recreativas e as representativas de classe não as têm e a pública, conforme já comentamos, não está em boas condições. Tudo, portanto, compete contra a biblioteca: não há livros, nem instalações adequadas, conseqüentemente, não há leitores.

Um ano depois, a situação parece não ter melhorado, uma vez que o jornalista Nazário Pimentel, inicia assim o seu texto intitulado *A Biblioteca Municipal*:

Pequena, isolada, sem conforto, sem livros, sem revistas, sem jornais, assim está a Biblioteca Municipal de Campina Grande. É na verdade uma vergonha para a décima terceira cidade do Brasil, não possuir uma BIBLIOTECA a altura de suas necessidades (*Jornal do Estudante*, agosto/1953, p. 4).

A biblioteca é, então, caracterizada pela falta: tudo falta, inclusive os leitores (certos):

Biblioteca está abandonada por tudo, procurada apenas por estudantes folgadões, que ali vão passar a tarde lendo histórias de Carochinha e, contos policiais.

O que esta biblioteca precisa é de dirigentes e de livros, não livros de carochinhas nem tão pouco livros policiais e sim, livros instrutivos (pois tem muito pouco) livros que abram o espírito deste povo impetuoso como o de nossa mocidade. (*Jornal do Estudante*, agosto/1953, p. 4)

Desta vez, há o reconhecimento de que os leitores existem, mas eles são caracterizados como “estudantes folgadões”. Ao usar essa expressão, o autor reafirma a relação entre a leitura na biblioteca e o vínculo com a educação formal (uma vez mais são os estudantes que aparecem como leitores deste espaço). Ao mesmo tempo, tendo em vista o perfil desses frequentadores “folgadões”, considera que a biblioteca está “abandonada por tudo”, ou seja, apesar de existirem, esses leitores são condenados à invisibilidade, devido às suas práticas supostamente inadequadas: ir “ali passar a tarde lendo histórias de Carochinha e contos policiais”. Não sabemos ao certo a que leituras ele se refere ao mencionar “histórias da Carochinha” e “contos policiais” como as escolhas desses leitores, mas sem dúvida elas estão no campo da ficção, o que é considerado como inadequado por não contribuir, segundo o autor, para a boa formação desses estudantes.

Tal é a recusa por essas leituras que Nazário Pimentel, a um só tempo diretor e articulista no jornal, chega a afirmar que caberia à biblioteca alterar o tipo de obras a serem oferecidas: segundo ele, “não livros de carochinhas nem tão pouco livros policiais e sim, livros instrutivos (pois tem muito pouco) livros que abram o espírito deste povo impetuoso como o de nossa mocidade”. Em outras palavras, a “censura” ou o direcionamento para as leituras adequadas deveria partir da administração da biblioteca, ao escolher para seu acervo obras que realmente contribuíssem para a boa formação dos seus usuários, na perspectiva defendida no jornal.

Esse posicionamento acerca das leituras e dos leitores não é exclusividade do autor da matéria de jornal mencionada; não é sequer uma novidade daquela época. Apenas para citar um exemplo, em 1876, o diretor da Biblioteca Nacional brasileira afirma o seguinte:

É igualmente sabido que nossa mocidade se ocupa mais em geral da leitura de novellas, poesias ligeiras e peças escandalosas do que da consulta de obras de elevado valor científico e litterario; ora não é também este o lugar adequado para semelhante distracções, e por isso não existem aqui os tomos ambicionados pela imaginação incandescente e transviada dos moços a quem

me refiro. (Relatório do Diretor da Biblioteca Nacional, 1876, apud SCHAPOCHNIK, 2002, p. 293).

Apesar de ser um discurso recorrente, os livros que o concretizavam e serviam para “abrir o espírito” no final do século XIX não eram os mesmos na década de 50 do século XX (período em que a referida notícia é publicada) e não seriam os mesmos na atualidade. Há, inclusive, nos dias de hoje, uma maior valorização de um tipo de leitura (de literatura) e de uma função da leitura (por prazer) que não se verificava nesses dois períodos comentados. Esses fatores, entre outros, interferem na avaliação do que se considera como obra ideal para “abrir” ou “formar o espírito” a cada momento.

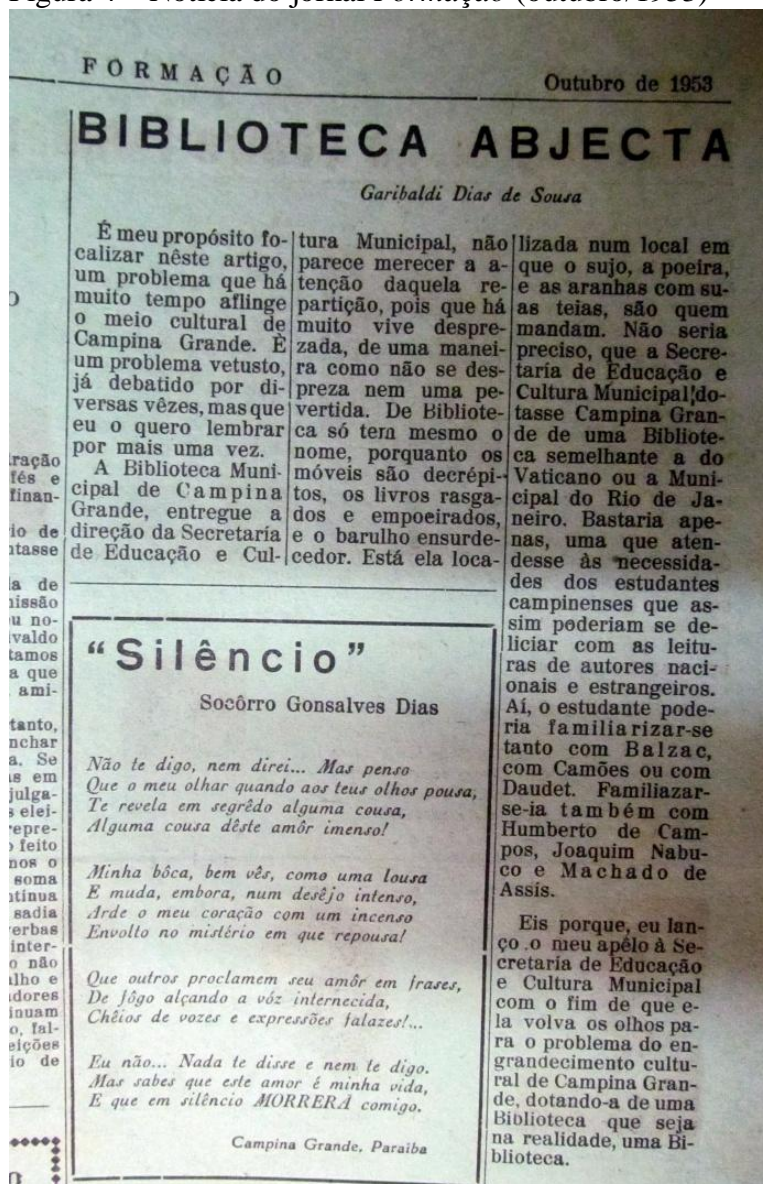
Ainda assim, essa forma de caracterizar a Biblioteca Pública Municipal (fortemente relacionada a uma visão depreciativa das bibliotecas de forma geral) e também os seus leitores, demonstra que os usos efetivamente realizados pelos seus frequentadores não eram aqueles imaginados pela elite intelectual que a fundou. A euforia inicial pela criação da biblioteca é substituída agora pela recusa aos usos “ilegítimos” que a população (não necessariamente membros da elite, mas possivelmente também estes) passou a fazer da biblioteca, “corrompendo”, na perspectiva dos letrados, o destino inicialmente pensado por eles e analisado no capítulo anterior. A biblioteca passou a ser território de visitantes cujas práticas não agradavam.

Ainda no ano de 1953, Garibaldi Dias de Sousa publica no jornal *Formação* o texto intitulado “Biblioteca abjecta”, recuperado na Figura 4, a seguir.

Como já aponta o próprio título do texto, a biblioteca é descrita como uma instituição abandonada e ineficaz: “De Biblioteca só tem mesmo o nome, porquanto os móveis são decrepitos, os livros rasgados e empoeirados, e o barulho ensurdecedor. Está ela localizada num local em que o sujo, a poeira, as aranhas com suas teias, são quem mandam [...]”. Aparece mais uma vez a ideia de que ela não existe de fato, pois o que existe sequer merece o nome de biblioteca, o que motiva o apelo no final do texto para que a Secretaria de Educação e Cultura contribua para o “engrandecimento cultural de Campina Grande, dotando-a de uma Biblioteca que seja na realidade uma Biblioteca”. Como vimos anteriormente, essa tensão entre o ato de fundação e a existência concreta de uma biblioteca em condições de funcionamento também ocorreu com outras instituições, a exemplo da Biblioteca Pública da Paraíba (no final do século XIX e início do XX).

Merece destaque ainda, nesse texto de Garibaldi Dias de Sousa, a referência à relação entre a biblioteca e os estudantes, uma vez que ele defende uma instituição que “atendesse as necessidades dos estudantes campinenses”, argumento bastante recorrente na história desse espaço de leitura. Além disso, segundo o autor, os estudantes deveriam se “deliciar” com alguns autores nacionais e estrangeiros, o que sugere uma ideia de leitura para fruição e não apenas como fonte de pesquisa escolar. Mantém-se a ideia de que há “bons” autores para serem lidos a fim de formar o espírito desses estudantes; ou seja, mesmo quando a leitura surge como possibilidade de fruição, não é abandonada, ainda que implicitamente, a sua função de formação, uma vez que não são sugeridos quaisquer autores, mas sim aqueles já consagrados por uma tradição literária: Balzac, Camões, Daudet, Humberto de Campos, Joaquim Nabuco e Machado de Assis.

Figura 4 – Notícia do jornal *Formação* (outubro/1953)



Fonte: Jornal *Formação* (outubro/1953), disponível no acervo do Museu Histórico de Campina Grande

Para finalizar, um dado que também merece atenção é a referência, em três dos textos jornalísticos recuperados, à ideia de que o desenvolvimento cultural de Campina Grande (simbolizado pela biblioteca) não acompanha o desenvolvimento econômico da cidade, alcançado especialmente na área do comércio, o que fica mais evidente, por exemplo, no seguinte trecho:

Até quando, ó prefeitos que passam, esperaremos nós pela tão almejada Biblioteca Municipal? Não vêdes que esta é a Rainha da Borborema, a Capital dos Sertões Nordestinos?

Eu, cá com meus botões fico pensando: sim, talvez seja Rainha, mas uma Rainha que em cuja corôa traz um ocioso símbolo do Comércio! Talvez seja uma Capital, mas pela simples razão de habitar em seu seio um avultado número de capitalistas. (*Jornal Formação*, Outubro/1951, p. 2)

A irônica afirmativa de que “Letras em Campina Grande, só Letras Promissórias” (*Jornal O Globo*, julho/1952) corrobora a crítica ao fato de que os



investimentos existentes são predominantemente destinados a outras áreas da administração pública, ficando a cultura (consequentemente, a biblioteca) abandonada e condenada a funcionar de maneira precária. Como afirma José Leite Sobrinho: “Enquanto se gasta dinheiro com pequenas coisas de pouca utilidade, fica esquecido o devido resguardamento do patrimônio histórico e evolutivo da nossa cidade” (Jornal *O Globo*, agosto/1952). Tal é o estado em que se encontra a biblioteca, que o autor do texto se pergunta até quando “esperaremos nós pela tão almejada Biblioteca Municipal?”, pondo em evidência que ela existia de direito, mas não de fato.

Portanto, a Biblioteca Pública Municipal de Campina Grande, em pouco menos de 15 anos se converte de grande realização do governo em instituição abandonada, onde tudo falta: prédio próprio, livros, móveis, estrutura adequada e até mesmo leitores. Estes são em número reduzido na década de 1950, segundo os jornais da época. E, mesmo quando existem, são condenados a certa invisibilidade, porque suas práticas (o que leem e como leem) são consideradas inadequadas, afinal, nessa perspectiva, ir para a biblioteca ler “histórias da carochinha ou contos policiais” é o mesmo que deixá-la abandonada, pois significa desvirtuar este espaço de sua função mais nobre: a formação do espírito da mocidade, através de leituras instrutivas. Assim os leitores, quando a armadura não lhes serve, como o cavaleiro inexistente de Calvino<sup>5</sup>, deixam de existir aos olhos da sociedade: tornam-se leitores inexistentes. E, no entanto, eles existiram.

### **Considerações Finais**

Apesar de termos recuado quase 70 anos no tempo, para abordamos o tema da existência de leitores em Campina Grande-PB, o que se percebe é que essa negativa registrada nos jornais poderia facilmente ser identificada atualmente, na fala de diferentes sujeitos envolvidos ou não com a leitura. Ao que parece, faz parte de um senso comum dizer que “aqui não se lê”. Se trocássemos os nomes dos jornais, as suas respectivas datas e atualizássemos a ortografia, seria provável que o mesmo quadro descrito nos textos analisados fosse reconhecido como pertencente à situação atual: bibliotecas vazias e em condições precárias, leitores em número reduzido, leituras inadequadas, etc. Contudo, assim como ocorria na década de 1950, essa percepção, hoje, só contaria uma parte da história e, por isso mesmo, representaria uma visão parcial dos fatos sobre a leitura no município.

Para além de pesquisas, como a que realizamos sobre os leitores da Biblioteca Pública Municipal da cidade, que comprovam a existência de leitores dando vida a este espaço de leitura, o contexto não poderia ser mais favorável à prática da leitura: há diversas escolas e universidades, muitas delas com bibliotecas ou salas de leitura; há uma biblioteca municipal que continua em funcionamento, além de bibliotecas comunitárias (como aquelas instaladas nos bairros das Malvinas e do Tambor) e bibliotecas ligadas a associações de trabalhadores (como a do SESC); há vários clubes de leitura, que se reúnem regularmente em diferentes lugares; há blogueiros locais que publicam sobre livros/leituras nas redes sociais; há *booktubers* que conseguem um bom alcance com seus canais; e há os sebos e livrarias, algumas delas com programação permanente de contação de histórias. E estou apenas citando alguns elos desse circuito de contato com a leitura, correndo o risco de deixar de fora as bibliotecas particulares, a prática de empréstimos pessoais, o comércio de materiais de leitura em feiras livres ou eventos (acadêmicos ou não, incluindo os pontos de vendas fixos nas universidades), as

---

<sup>5</sup> Referência ao personagem principal de *O Cavaleiro Inexistente*, obra publicada por Ítalo Calvino, em 1959.

feiras de troca de usados, entre tantas outras formas de acesso. Como sustentar toda essa rede, se não houvesse leitores? Impossível.

É preciso deixar claro, no entanto, que a formação de um público leitor precisa ser preocupação permanente, pois, se reconhecemos que há um contexto favorável na cidade no que diz respeito à promoção da leitura, os índices de leitura ainda não são os sonhados: sempre podemos melhorá-los. Mas é importante que essa busca por conquistar mais leitores não negue o caminho já percorrido, nem os avanços alcançados até o momento. E, neste sentido, a existência da FLIC é um exemplo paradoxal da realidade atual: ao mesmo tempo, nos dá alento e aponta para o fato de que, sim, há leitores em Campina Grande; mas também revela que ainda há muito por fazer. Por essa razão, que esta história esteja apenas começando e que um dia, anos à frente, estejamos numa de suas edições, discutindo os impactos que a feira trouxe para o desenvolvimento da leitura na cidade.

### **Referências**

ABREU, M. (org.). *Leitura, História e História da leitura*. 1ª. reimpressão. São Paulo: Fapesp, 2002.

\_\_\_\_\_. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001. p. 139-157.

BARBOSA, S. de F. P. Os intermediários da leitura na Paraíba do Oitocentos: livreiros e tipógrafos. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Fernanda Pires da. *A Livraria Pedrosa – Casa do Saber: a emergência de uma cidade letrada e de leitores*. Universidade Federal de Campina Grande. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de mestrado. Setembro/2012.

ESPÍNDULA, Danielly Vieira Inô. *Uma Biblioteca e seus leitores: percursos de uma história*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *Da academia ao bar: círculos intelectuais, cultura impressa e repercussões do Modernismo em Campina Grande - PB (1913-1953)*. Universidade Federal de Campina Grande. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de mestrado. Março/2012.

GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. 2. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GOMES, S. de C. *Bibliotecas e sociedade na primeira república*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1983.

HÉBRARD, J. *As bibliotecas escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III República*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2009.

OLIVEIRA, Z. C. P. de. *A biblioteca “fora do tempo”*: políticas governamentais de Bibliotecas Públicas no Brasil (1931-1989). Tese de doutorado. Curso de pós-graduação em Ciência da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, 1994. 221p.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016. Disponível em < <http://prolivro.org.br/>>. Acesso em: jan, 2019.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na biblioteca da corte imperial. In: ABREU, M. (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. 1ª. Reimpressão. São Paulo: Fapesp, 2002. p. 273-311.

SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. Histórias de pesquisas em leitura. In: SOUSA, Maria Ester Vieira de, ASSIS, Maria Cristina (orgs.). *Pesquisa em Língua Portuguesa: da construção do objeto à perspectiva analítica*. João Pessoa: Editora da UFPB/UFPB virtual, 2011. p. 137-168.

\_\_\_\_\_. Desnaturalizando o discurso sobre a leitura. In: *ANAIS do VI Congresso Internacional da ABRALIN*. João Pessoa: Idéia, 2009

\_\_\_\_\_. Leitura de professores e alunos: entre o prazer e a obrigação. In: *Encontro Internacional de Texto e Cultura*. Fortaleza: UFC, 2008.

*Recebido em 14 de janeiro de 2019*

*Aceito em 23 de fevereiro de 2019*

## PROJETAR O LEITOR NAS ASAS DA LEITURA

### TO PROJECT THE READER INTO THE WINGS OF READING

Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa\*

Otaiza dos Santos Silva\*\*

Solange Diniz de Oliveira\*\*\*

**Resumo:** Sabe-se que o incentivo à leitura literária deve ser uma realidade no ambiente escolar. Nesse sentido, dentre outros motivos, a escola deve destacar-se por permitir ao leitor o acesso a diversas culturas e ampliando, assim, o repertório de informações (ANTUNES,2009). Portanto, guiados por essa reflexão, o projeto de extensão “Nas Asas da Leitura” tem como objetivo o incentivo à leitura não só dentro da escola, mas que esse hábito ganhe novos espaços, como por exemplo, o familiar. Sendo, pois, a extensão um elo, que tem o dever de levar o conhecimento produzido na academia até a comunidade, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada por alunos extensionistas do curso de graduação do curso de Letras língua – portuguesa e alunos do ensino médio, através de uma oficina, cujo enfoque foi a leitura do texto poético, realizada durante a Feira Literária de Campina Grande – FLIC em duas escolas públicas na cidade de Campina Grande – PB, no ano de 2018.

**Palavras-chave:** Leitura. Poesia. Feira literária

**Abstract:** It is known that the incentive to literary reading should be distinguished by allowing the reader access to diverse cultures and expanding the repertoire of information. (ANTUNES,2009). So, guided by this reflection, the extension project “Nas Asas da Leitura” aims to encourage reading not only within the school, but also in the environment. Extension being a link, which has the duty to bring the knowledge produced in the academic environment to the community, the present work has as objective to report the experience lived by students of the graduation in Portuguese Letters course, and high school students through a workshop focusing on poetic text held during the literary fair Flic in two public schools in Campina Grande-PB.

**Keywords:** Reading. Poetry. Literary Fair

### Introdução

A priori, é dever da escola propiciar aos alunos momentos de reflexão acerca das temáticas que rodeiam a sociedade para que eles tenham posicionamento e criticidade sobre elas. Sendo a literatura um meio para tal e pensando nessas temáticas, a convite de uma das organizadoras da FLIC – Feira Literária de Campina Grande – que o projeto

---

\* Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora titular da Universidade Estadual da Paraíba e chefe de departamento do curso de do curso de Licenciatura em Letras língua portuguesa. Tem experiência na área de Letras, com área de concentração em leitura e escrita. Email: amasilesousa@hotmail.com

\*\*Otaíza Silva, graduanda do curso de Licenciatura em Letras língua portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba, atualmente é professora da rede privada e dos cursinhos preparatórios para o Enem da UEPB e UFCG. Integra o Projeto de Extensão da UEPB- Nas Asas da Leitura - , no qual desenvolve práticas leitoras com alunos da rede pública de ensino na cidade de Campina Grande Email: otaizasilva@gmail.com.

\*\*\* Graduanda do Curso do curso de Licenciatura em Letras língua portuguesa na UEPB. Ministra aulas no Cursinho Solidário - PVS da UFCG. Integra o Projeto de Extensão da UEPB- Nas Asas da Leitura - , no qual desenvolve práticas leitoras com alunos da rede pública de ensino na cidade de Campina Grande.Email: solangediniz15@gmail.com

de extensão pensou na oficina a *Experiência com Textos Literários*, na qual abordou, dentre outros subtemas, a temática negra e o papel/lugar percorrido pela mulher desde tempos remotos até os dias atuais.

Assim, relataremos a seguir algumas experiências de leitura vivenciadas pelos integrantes do projeto Nas Asas da Leitura com alunos do 1º ano do ensino médio, em duas escolas públicas na cidade de Campina Grande, em virtude da realização da FLIC, Feira Literária de Campina Grande. Propusemos uma oficina de leitura, com duração de 3 (três) horas, intitulada Vivências literárias, com o objetivo de fazer com que a poesia de escritoras negras adentre as salas de aula como forma de resistência. Vale ressaltar aqui a importância das feiras literárias como forma de incentivar e divulgar a leitura, principalmente, se pensarmos no contexto da escola pública.

## **2 Motivação para a leitura do texto literário**

Inicialmente, os integrantes do projeto tinham como objetivo apresentar aos alunos a poesia de autoras negras e discutir acerca do lugar que a mulher ocupa. Para isso, utilizamos a sequência básica de Cosson (2016) em que o autor defende que “as mais bem sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com texto que se vai ler a seguir.” (p. 55). Desse modo, antes de introduzirmos a leitura dos textos poéticos, utilizamos a dinâmica dos balões. Colocamos no quadro balões com frases do cotidiano. Observamos que, na maioria das vezes, o preconceito passa despercebido, pois os estereótipos já estão enraizados, impulsionando o número de pessoas intolerantes e preconceituosas. Foram utilizadas expressões como:

- Mulher no volante, perigo constante;
- Menina não brinca de luta;
- Já sabe cozinhar, já pode casar!
- A única coisa que você pilota bem é fogão;
- Uma mulher só é completa quando tem filhos;

A partir da leitura dessas frases, os alunos interagiram e emitiram opiniões contrárias e favoráveis ao tema. Com a discussão, pudemos desconstruir alguns pensamentos conservadores, problematizando e alertando os alunos para o que existe por trás dessas expressões. Inicialmente, percebemos que alguns alunos pareciam tímidos, mas logo demonstraram interesse e interagiram. Buscamos assim, provocar e ouvir o posicionamento dos alunos em torno das frases lidas. Aproveitamos esse momento para levar para os alunos o poema “Um homem não chora”, de José Craveirinha, escritor moçambicano, com o objetivo de contrapor aos discursos cristalizados e discutidos com os alunos, conforme podemos ver abaixo:

Um homem não chora

Acreditava naquela história  
Do homem que nunca chora.

Eu julgava-me um homem.

na adolescência  
meus filmes de aventuras  
punham-me muito longe de ser  
cobarde

na arrogante criancice do herói  
de ferro.

Agora tremo.  
E agora choro.

Como um homem treme  
Como chora um homem!

(José Craveirinha)

Esse foi o momento de interação em que os alunos puderam refletir sobre os discursos proferidos no dia a dia. A leitura desse poema fez com que os alunos refletissem sobre jargões que são construídos pela sociedade e reproduzidos no nosso dia a dia, como “Homem não chora”, “Mulher é sexo frágil”. Aproveitamos esse momento para lembrar nomes de grandes mulheres que se destacaram seja na literatura, no esporte, ou na ocupação de grandes cargos na política. Vale destacar que, embora não estivéssemos preocupados com a estrutura do texto, a preocupação era muito mais com o prazer estético, alguns alunos perceberam que a forma de construção do poema contribuía para a poeticidade e que o modo específico de pontuar o texto é também um elemento responsável pela recepção. Esse foi um momento em que os alunos puderam rever alguns posicionamentos que eles defendiam como “verdades” e agora, na descoberta da leitura, fazer uma reconfiguração de alguns posicionamentos machistas arraigados no nosso cotidiano. Assim, a leitura do poema “Um homem não chora” serviu como porta de entrada para o segundo momento da oficina.

No segundo momento da oficina, fizemos uma exposição de fotos de escritoras negras, como Carolina de Jesus, conhecida pela obra Quarto de despejo, Conceição Evaristo, escritora de grande influência, que tem a literatura como arte da “escrevivência”, autora de Poncia Vicencio, Poemas de recordação e Olhos d’água e a terceira, Cristiane Sobral, escritora e a primeira atriz negra, graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília, conhecida pelas obras “Não vou mais lavar os pratos”, “Terra Negra”, “Espelhos Miradouros”, “O tapete voador”, entre outras. Antes da apresentação dessas escritoras, instigamos os alunos sobre a profissão dessas mulheres. Neste momento, os alunos elencaram profissões como empregada doméstica, dona de casa e merendeira, para as duas primeiras escritoras, mantendo a visão estereotipada do negro e, no caso da última escritora, Cristiane Sobral, alguns alunos a identificaram como atriz ou modelo. Quando indagados por que fizeram essa associação, os alunos admitiram levar em consideração a idade e a beleza. Após toda essa discussão, apresentamos uma breve biografia dessas escritoras e a história de resistência e superação de cada, mostrando que a partir de suas obras e do poder da palavra, as autoras alcançaram êxito, tornaram-se grandes nomes na literatura. Mostramos ainda que apesar de hoje serem reconhecidas como grandes escritoras, a escola ainda oculta a real participação da mulher negra na produção histórica, e cultural do Brasil, fato comprovado na fala dos alunos da escola ao demonstrarem desconhecimento da identidade dessas escritoras. Discutimos o quanto foi difícil e obscuro o caminho para a consagração de cada uma e também relatamos o preconceito vivenciado a cada dia por essas mulheres.

Neste momento, aproveitamos para lembrar a Lei nº. 10.639/2003 que determina a obrigatoriedade da inserção da memória afrodescendente brasileira, nas escolas públicas e privadas de 1º e 2º graus. Discussões dessa natureza têm relevância por promover debates sobre a representação do negro como sujeito histórico, social e cultural, desnaturalizando as desigualdades raciais. É nesse contexto que os integrantes do Projeto Nas Asas Da Leitura puderam refletir e ressignificar suas práticas, levando a

leitura afrodescendente brasileira para o contexto da sala de aula do ensino médio, atendendo ao que já é, por lei, determinado há quinze anos. Toda a discussão gerou muita reflexão que serviu também como motivação para o terceiro momento – a leitura de poemas.

### **Lendo poesia**

Por vários momentos, percebemos a falta de intimidade dos alunos com o poema. Em conversas informais com os alunos, pudemos comprovar que o texto poético não fazia parte da rotina dos alunos na escola. Mas, apesar dessa pouca circulação do texto poético na escola, aos poucos, percebíamos que os alunos iam interagindo e demonstrando maior interesse pelo texto literário. Tínhamos um grande desafio: resgatar o prazer pela leitura. E, para isso, buscamos oferecer aos alunos uma aproximação com o texto poético, primeiro através da experiência estética, para só depois, discutirmos as questões sociais postas nos poemas.

Após a breve exposição sobre vida e as obras das escritoras negras, os alunos tiveram contato com uma pequena antologia, contendo poemas, cujo núcleo temático era a representação da mulher negra como forma de resistência. Acreditamos que a utilização da antologia de poemas de escritoras negras no espaço escolar contribuirá para um olhar diferente sobre o negro e sua cultura. Nesse momento, apresentamos algumas obras completas das autoras anteriormente mencionadas, a exemplo dos livros: “Não Vou Mais Lavar Os Pratos”, de Cristiane Sobral, e “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus.

Iniciamos assim, uma discussão sobre o resgate da identidade negra, sugerida pelos poemas a serem lidos, com o objetivo de sensibilizar os alunos e conscientizá-los dessa escrita como forma de resistência, na poesia de escritoras contemporâneas. Chamamos atenção também para a ausência do negro na literatura do século XIX.

Iniciamos a leitura em voz alta do poema “Gritaram-me negra”, de Victória Santa Cruz, feita por dois integrantes do Projeto Nas Asas da Leitura. Nesse momento, o principal objetivo era que os alunos pudessem apreciar, “sentir” o poema. Era uma fase de vivências muito mais emocionais do que racionais com o texto poético. A esse respeito, Ferrarezi (2017) afirma:

o primeiro contato de qualquer pessoa com o texto é de natureza estética, seja uma bula de remédio, seja um rótulo de sabão em pó, seja um romance de Proust. A intermediação estética é a porta de entrada para a construção de novos leitores (p. 28).

Após a leitura do poema, iniciou-se uma discussão relativa ao sentido e a beleza do poema. Mostramos que “ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realização objetiva” (PINHEIRO, 2018, p.30). Desse modo, devemos ficar atentos ao ritmo na hora da leitura de um poema.

Depois, realizamos várias leituras em voz alta do mesmo poema para que os alunos pudessem perceber diferentes possibilidades de ler o poema, dando expressividade a uma palavra ou expressão, a fim de encontrarmos o melhor ritmo e entonação. E assim, os alunos foram, pouco a pouco, encorajando-se e oferecendo para ler o mesmo poema “Gritaram-me Negra”.

Dando prosseguimento, dividimos a turma em grupos e pedimos que cada grupo

escolhesse um poema da antologia. Cada grupo deveria encontrar o melhor tom, o ritmo para a leitura do poema selecionado, pois sabemos que a forma de ler contribui para a construção de sentido e depois ler em voz alta para os outros grupos. Neste momento, os alunos demonstraram interesse pela atividade e ficaram atentos para a leitura feita pelos outros grupos. Em alguns momentos, parávamos e refletíamos sobre a temática do poema. Vale salientar que acrescentamos à antologia, outros poemas que não seguiam a mesma temática, pois nosso objetivo era despertar o prazer estético e não apenas o conteúdo transmitido. Ademais, devemos compreender ainda que a poesia tem o fim em si mesma.

Descreveremos aqui alguns desses momentos dedicados à declamação dos poemas. Um grupo de alunos selecionou o poema “Casamento”, de Adélia Prado. E, nesse momento, demonstraram empenho em procurar encontrar o tom adequado para a leitura, contribuindo para o sentido do poema. Perceberam que o tom mais suave na voz contribuiria para dá fidelidade ao poema. No momento da apresentação, os grupos escutaram atentos e, por vezes, pediam para fazer a leitura novamente. Fato que comprova o envolvimento dos alunos na atividade proposta. Um outro grupo escolheu o poema “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral, e fizeram uma apresentação dramatizada, seguindo as orientações do primeiro poema lido: “Gritaram-me negra”, de Vitória Santa Cruz.. Esse foi um momento de muita reflexão e de muita descoberta. Como se tratava de um poema longo, foram feitas várias leituras até que conseguissem encontrar a melhor possibilidade de falar determinados versos, atentando também para a repetição de determinadas expressões e da necessidade de encontrar o tom mais adequado para o que o poema queria passar. Esse foi um dos poemas que os alunos demonstraram ter gostado mais e resolveram dramatizá-lo, dividindo em partes com os membros do grupo. A leitura desse poema originou uma longa discussão sobre o papel da mulher, e, especificamente, da mulher negra na nossa sociedade, em pleno século XXI. Através da poesia foi possível perceber os papéis socioculturais construídos em torno da mulher negra. Foi discutido ainda que historicamente, ocorreu um processo de marginalização, exclusão e opressão, tomando como referência questões de raça, gênero e classe social, na perspectiva da naturalização da condição subalterna da mulher negra, obrigada a cumprir determinados papeis, funções que se configuram como outras formas de escravidão. Por outro lado, os alunos atentaram para a repetição de alguns trechos no poema, como:

Não vou mais lavar os pratos  
Nem vou limpar a poeira dos móveis  
Sinto muito  
Comecei a ler.

que retratam a mulher negra que se rebela, contesta e redescobre um novo mundo, a partir do momento que “comecei a ler”.

Toda essa mudança é percebida em todo o poema. Instaura-se uma nova era na vida da mulher negra, conforme os versos abaixo podem comprovar:

Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler  
Depois de tanto tempo juntos  
Aprendi a separar  
Meu tênis do seu sapato  
Minha gaveta das suas gravatas  
Meu perfume do seu cheiro  
Minha tela da sua moldura.

A leitura da poesia de Cristiane Sobral representa, portanto, um diálogo



profundo e intenso sobre a condição da mulher negra. No momento dessas discussões, muitos alunos se identificavam com a poesia de Cristiane Sobral, relatando experiências de vida deles ou de alguém da família. Para reforçar a importância de levar a temática do negro para a sala de aula, como forma de construção da identidade negra, nos valem do pensamento de Gomes (2004)

O mais sério é que, dada a invisibilidade da questão racial na escola, muitas vezes, os educadores e educadoras, ao adotarem tais práticas, sequer percebem que essas salas são formadas por uma grande parcela de alunos negros e pobres. (p. 11)

Pensar a identidade negra representa para muitos professores ainda um grande desafio. Mas, não podemos esquecer que é papel da escola construir uma pedagogia da diversidade em que o negro seja visto enquanto sujeito histórico, social e cultural.

Esse mesmo entusiasmo dos alunos foi percebido quando da leitura do poema “Vozes mulheres”, de Conceição Evaristo. Esse poema faz parte do Livro “Poemas de recordação e outros movimentos. O título do livro aponta para a questão da memória, como elemento norteador de seus poemas. Em “Vozes mulheres”, Conceição Evaristo traduz todo o sentimento de angústia e de sofrimento vivido por ela e por seus antepassados, como podemos comprovar nos versos a seguir:

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

O eu poético traduz não apenas a voz de um sujeito individual, mas de um coletivo, que traduz o clamor de um povo negro e sofrido, mas, ao mesmo tempo, uma trajetória de resistência de um povo que não esqueceu sua história.

Em outro trecho do poema, temos:

O ontem- o hoje- o agora.  
Na voz de minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida – liberdade.

vozes que se fundem e que agora não são apenas lamentos, mas representam um fazer coletivo. Todos esses pontos foram abordados após a leitura do poema feita pelos próprios alunos e das suas percepções.

O entusiasmo dos alunos para ler os poemas nos permitiu concluir que se utilizarmos motivações adequadas, poderemos ter práticas de leituras satisfatórias. A esse respeito, compartilhamos com o pensamento de Cosson (2018) de que “uma das principais funções da escola seja justamente constituir-se como um espaço onde aprendemos a partilhar, a compartilhar, a processar a leitura” (p. 36).

Estamos convictos de que essa rápida experiência de leitura de poemas contribuiu de forma significativa para despertar nos alunos um novo olhar sobre a poesia. Nesse contexto, o professor deve ter a função de mediador, ser a alavanca propulsora da prática de leitura, tornando-a corriqueira e de deleite.

Segue abaixo a relação dos poemas que fizeram parte da antologia feita pelos integrantes do Projeto Nas Asas da Leitura e trabalhados com os alunos na oficina por ocasião da FLIC.

Casamento – Adélia Prado  
Vozes mulheres – Conceição Evaristo  
Não vou mais lavar os pratos – Cristiane Sobral  
Pixaim elétrico – Cristiane Sobral  
Homem não chora José caveirinha  
Gritaram-me negra- Victória Santa Cruz

### **Considerações finais**

Essa nova perspectiva do texto literário, não mais exclusivo aos cânones literários, contribuiu para que não apenas os integrantes do projeto, mas também, os professores das duas escolas em que atuamos percebessem a necessidade de construção de um saber acerca da literatura negra contemporânea, atendendo as exigências da Lei nº 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade da inserção da literatura afrodescendente. O grande entrave parece estar relacionado ao cumprimento de currículos já consolidados, em que o texto literário ainda não faz parte da rotina da maioria das escolas.

Desse modo, a leitura precisa ocupar espaço efetivo na sala de aula, isso só será possível com uma reestruturação curricular, em que se reserve a leitura o que Ferrarezi (2017) denominou de “status de conteúdo curricular” (p. 24). Nesse sentido, entendemos a relevância de um trabalho de leitura como o desenvolvido durante a FLIC, como forma de promover uma aproximação entre os leitores e o universo do texto literário.

No entanto, temos consciência de que a presença das oficinas nas escolas é temporária e que, no dia a dia, a escola deve assumir a função de ampliar a capacidade leitora dos alunos através de estratégias de leitura que ultrapassem as amarras de programas preestabelecidos.

### **Referências**

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006)

BRITO, Angela Maria Benedita B. de. et al. (Org.). Kulé Kulé: **Educação e identidade negra**.

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

FERRAREZI, J. R. Celso. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra.** In: BRITO, Ângela Maria Benedito B, SANTANA, Moisés de Melo e CORREIA, Rosa Lúcia L. S. (ORG.) Kulé, Kulé: educação e identidade negra. Maceió: EDUFAL, 2004

MARIA, Luzia de. **O Clube do livro: ser leitor, que diferença faz?** São Paulo: Global, 2016.

PINHEIRO, Hélder e NÓBREGA, Marta. **Literatura e ensino: aspectos metodológicos e críticos.** Campina Grande: EDUFAL, 2014.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2018.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras.** Cruz das Almas/ Bahia: UFRB, 2012.

SANTOS, Luis Carlos, GALAS, Maria e TAVARES, Ulisses (orgs). **O negro em versos.** São Paulo: Moderna, 2005.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos.** Brasília, Editora Garcia, 2016.

YUNES, Eliana. (org). **Pensar a leitura: complexidade.** Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

*Recebido em 20 de janeiro de 2019*

*Aceito em 15 de fevereiro de 2019*



## RESENHA

### ENTRE A IMAGINAÇÃO E A MEMÓRIA

**Histórias nada sérias, de Maria Valéria Resende**

**Editora Escaleras, 2017**

**64 páginas**

Lau Siqueira\*

Maria Valéria Rezende sempre diz que não tem imaginação. “Eu só tenho memória”, afirma. Acredito na sua sinceridade, mas desconfio de mim. Acredito que a autonomia do leitor é inevitável e necessária ao texto. O texto literário é um ser vivo em busca das dores e delícias da linguagem. Penso, portanto, que, ao sustentar suas memórias, Valéria espeta o imaginário alheio com suas adagas narrativas. Mesmo quando navega nas razões mais particulares. Vale mais o que se lê, diria Borges. Por isso, sempre me sinto libertário nas minhas leituras. Se para Valéria a memória está no texto, para mim a imaginação estará sempre na leitura. Roland Barthes define melhor o que tento dizer de forma desajeitada. “Na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto” (BARTHES, p.24, 1987). Quando leio, me reescrevo no texto lido.

Contadora das próprias histórias, Maria Valéria possui uma mente que experimenta a imaginação de forma continuada. Sobretudo quando descreve a irrealidade cotidiana. Tudo em Valéria é lonjura e densidade. Tudo é perto e distante. Em poucos minutos de conversa, derrama infâncias de todas as idades. Seja nas imagens vivas de uma certa família santista dos seus verdes anos. Seja entre os mais célebres personagens das suas lembranças. A exemplo do tio-avô, Vicente de Carvalho. Poeta que tatuou seu nome na História da Literatura Brasileira. Conhecido e reconhecido também como advogado e político abolicionista, “tio Vicente” sempre foi um habitante do seu “vasto mundo”. Cito este poeta para desenhar sua raiz literária. A autora vem de uma família onde a leitura de grandes clássicos da literatura e a prática cotidiana da escrita faziam parte das expressões de afeto familiar.

*Histórias nada sérias*, (2017) sessenta e quatro páginas, publicado pela Editora Escaleras, certamente, carrega boas memórias. Memórias imaginadas e inimagináveis, até. Histórias contadas em textos escritos com exclusividade para o Clube do Conto da Paraíba. O Clube do Conto foi, aliás, a estrutura mais anárquica, longeva e produtiva que conheci no meio literário brasileiro. Pelo menos nas últimas três ou quatro décadas. Durante mais de dez anos, semanalmente, escritores se reuniam no Shopping Sul, em João Pessoa, próximo à casa da Valéria. Cada qual apresentava seus textos ao olhar crítico dos demais. Os temas eram sempre discutidos e aprovados na semana anterior. Intelectuais experimentados, escritores reconhecidos, repartiam espaços e carinhosas

\* Poeta e escritor. Publicou diversos livros, dentre eles: *O Comício das Veias* (1993), *O Guardador de Sorrisos* (1998), *Sem meias palavras* (2002), *Texto Sentido* (2007) e *Poesia Sem Pele* (2011). Email: lausiqueira@gmail.com

farpas com iniciantes e curiosos. Ninguém poupava a mão de ninguém. A palmatória era dolorosa. O Clube do Conto, na verdade, foi uma efetiva oficina de escrita criativa. Semanalmente uma enxurrada de textos bons, médios e péssimos eram lidos e aplaudidos ou desconstruídos até o limite da sensatez. Era, sobretudo, necessário manter a amizade, o respeito, mas sobretudo a coerência. Era necessário fazer da crítica feroz e sincera, mesmo dura, um elo firme com a boa literatura.

O tempo passou. O Clube do Conto da Paraíba foi sucumbindo aos poucos. Seja pelo falecimento de alguns dos seus membros ou por outros motivos. Certamente, também pela fuga desesperada dos que entendiam que melhor seria buscar outra ocupação para as tardes de sábado. Na verdade, o Clube do Conto ensinava muito mais a ler que escrever. Escutar era um exercício feroz. Sempre foi um encontro de amigos e amigas que se amavam e odiavam (menos, menos...) em cada frase mais afeita às verdades da língua e seus arredores. Foi neste ambiente, salvo os exageros propositais aqui derramados, que Valéria escreveu os textos do livro aqui resenhado. Os temas eram escolhidos aleatoriamente e cada um que mergulhasse na escrita de forma a atender as sensações da navalhada crítica de cada sábado. A disciplina de escrever textos ficcionais não garantia os louros. Eis, portanto, um livro individual que nasce de uma aventura compartilhada. Tudo vivido num rico e inesquecível aprendizado repartido entre cafés, tornequetes estéticos e boas risadas.

O Clube do Conto tinha um método muito bem definido por Regina Behar na apresentação do livro: “ler, ouvir, escrever.” Nada mais. Aliás, se fossemos aqui resumir a vida intensa de Maria Valéria Rezende, uma moça que saiu de Santos aos dezoito anos para conhecer outros mundos, a definição de Regina Behar cairia como uma luva: “ler, ouvir, escrever”. Ler, ouvir, escrever e amar as pessoas tem sido a caminhada de Valéria pelo mundo desde sempre. Com Paulo Freire Valéria aprendeu muito cedo a ler as linhas e rinhas da vida. Reconhecendo as desigualdades e os perigos de uma existência permanentemente ameaçada pela ditadura. (Aquela aberração política instalada nos melhores anos da sua juventude.) O que recolheu de lá para cá, nas andanças pelo mundo e pelos rincões da Paraíba, são extratos da memória sim, mas também de uma maturidade intelectual bem consolidada. Valéria é hoje uma personalidade autêntica e autônoma na literatura contemporânea brasileira. Apontada por muitos como uma das mais produtivas e importantes escritoras brasileiras do início do século XXI. Foi tecendo a teia da sua literatura de dentro pra fora. Inicialmente, longe das rodas badaladas de Paraty. Todavia, muito rapidamente, também nas rodas badaladas de qualquer ambiente literário. De grande leitora, tradutora e educadora popular, tornou-se uma talentosa inventora das próprias memórias.

Muito do que foi construído a partir de uma caminhada intensa e que hoje sustenta o vigor das suas palavras, vem dos perigos vividos. Dias e noites engolidos pelos dragões de um tempo sombrio. Especialmente nos anos pós AI-5 (Ato Institucional nº 5). Tempos que calaram o Brasil e fizeram sangrar os porões. Segundo Eni P. Orlandi, no ensaio Maio de 1968: os silêncios da memória: “falando de história e de política, não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos.” Certamente é dessas memórias que muitos dos personagens de Maria Valéria Rezende, hoje brotam aos montes. Neste caso específico, a partir das provocações temáticas do Clube do Conto. Algo que, de certa forma, recebe uma imensa luz nesta coletânea publicada pela Escaleras, uma editora tão paraibana quanto o centenário Jackson do Pandeiro.

É memória? É memória sim. Sempre digo pra mim mesmo quando penso na densidade de Maria Valéria Rezende nos campos neutrais da palavra. A imaginação

surge naturalmente enquanto produto da leitura. Isso já está assegurado e por isso reafirmo. Mas e a imaginação da autora? A imaginação em Valéria é feito um trugal amanhecido. Afinal, ela própria é uma grande leitora. Portanto, um ser de imaginação. Uma leitora de metalurgias inventadas – palavras encandeadas no aço das delicadezas. Seu intenso exercício de escrita é um tipo de combustão provocada. Tudo é lenha. Sua aprendizagem permitiu tornar o cordel, por exemplo, elemento fundamental na formação das sabedorias necessárias ao povo excluído. Valéria viveu tudo isso na pele. Mergulhou e emergiu com a mesma força. Não apenas pela memória que sustenta suas asas, mas nos voos cada vez mais ‘longinos’ da sua imaginação. (Calma. Explico já.)

O conto que abre o livro, “Zumbi” (página 9), nos transporta imediatamente para uma experiência de velocidades. Um mergulho no oco dos sentidos. Tudo num trançado narrativo de imensa fluidez. Como se as palavras estivessem guardadas numa cacimba de verdades estocadas. Texto denso e fulminante que leva o leitor por uma trilha de diversidades. Possibilita que a leitura se transforme em cada parágrafo e se vista de boa prosa. Leitura de um fôlego só, “Zumbi” é um texto que provoca o leitor em todos os sentidos. Seja pela pegada dramática que poderia gerar um bom monólogo, seja pelo batuque de prosa poética, capaz de transformar forma em conteúdo. Um tapete estendido entre José Saramago e Décio Pignatari. Respira transgressão sabendo que os seus ritos são outros, pois suas aventuras narrativas são naturalmente planejadas.

Nos demais contos, passeia pelos temas escolhidos. Cumpre com rigor e disciplina seus milhares criativos. Milhares, talvez milhões de páginas lidas com a voracidade de quem dedica sua existência ao conhecimento, à solidariedade, ao amor necessário para que este mundo sobreviva muito além de nós. Algumas vezes ela trabalha a memória como os gregos: reconhecendo-se em relatos antigos, literários ou não. Experimenta miragens. Transgride conceitos. Respira e espalha o ar rarefeito desses dias turbulentos. Em “Conto Concreto” (p.48) dialoga diretamente com o concretismo de Augusto e Haroldo de Campos. Espalha signos, aliando-se ao branco da página, realizando uma certa fusão das barroques impulsionadas pela irreverência que, em verdade, é uma das suas características enquanto mulher e enquanto escritora. Talvez por isso consiga atrair a inquietude de tantos jovens leitores pelo país afora.

*Histórias Nada Sérias* (2017) é também um livro revelador do caráter de Maria Valéria Rezende. Uma escritora desapegada dos paetês festivos, das necessidades midiáticas de tanto pavão iludido. Falamos de um livro que é um produto vivo do tear cotidiano que estende seu nome e sua literatura pelo mundo. Valéria é a cara desse tal “Brasil profundo” que poucos conhecem. Linda e transbordante. Esse Brasil que recolhe imagens em Jacaraú - pequena cidade paraibana - e as espalha pelo mundo. As histórias que ela conta são colheitas diárias de uma mente atenta, observadora. O prazer da leitura dos seus livros é simples, mas não é fácil. Valéria se esparrama num estilo singular. Aliás, estilo de quem não está preocupada com estilo.

E assim seguem os contos. “A Capa”, escrito em formato missivista, cuja tradição parece perder-se um pouco dentro da história mais recente das literaturas. “A Chave”, lembra um pouco Maupassant. Para Otto Maria Carpeaux “Maupassant não aceitou a fantasia, mas disse a verdade”. Um pouco como Valéria, transitou entre a memória e a imaginação. A exemplo de Bola de Sebo, um dos seus mais belos textos. Valéria nega a imaginação para afirmar uma literatura enraizada em muitos saberes repartidos. Às vezes ela alerta claramente: “é verdade este bilete”. Nos extratos de sensações vividas. Na sua capacidade de observar e redesenhar fatos, reinventá-los para buscar a cumplicidade absoluta com o leitor no fio da navalha. Talvez este seja o motivo pelo qual sempre insisto que ao ler os livros de Maria Valéria Rezende somos também convidados para o exercício da escrita. Nos tornamos coautores das suas memórias

imaginadas. Talvez essa imagem represente a porção pedagógica de uma escritora que trouxe para a literatura sua vocação de educadora popular. Nas suas práticas cotidianas Valéria escrevia até mesmo Cordel, conforme citei anteriormente. Usava a literatura popular como método para ensinar aos trabalhadores rurais, os seus direitos. Certamente que todas essas experiências estão muito bem guardadas nos melhores afetos da escritora. Dessas memórias ela extrai personagens e os transforma em respiradouros do seu texto. São nomes fictícios, histórias inventadas para uma tradução literal dos nossos dias. Costumes, desejos, anseios... metáforas de uma vida que segue no mesmo rumo, na mesma pisada, no mesmo comprometimento militante de alguém que entregou sua vida ao amor em sua mais profunda tradução.

São fundamentalmente histórias o que ela extrai das suas andanças desde a infância. Como em “Uma Lenda Pessoal” (p.33), onde ela dialoga lindamente com os seus recuerdos mais antigos. Parte de um lugar onde constrói e desconstrói eles familiares. Mas, não apenas isso. Ela aborda temáticas complexas, como o Estupro (página 39) a escritora descreve comportamentos extremados da nossa civilização machista e moralista que, na verdade, não se sustenta nem mesmo no olho da goiabeira. Aborda presenças constantes em nossas vidas, como o Medo (p.45), um sentimento que tantas vezes aprisiona a condição humana. Arrisca-se, inclusive, num miniconto. Gênero que para o escritor gaúcho José Eduardo Degrazia, teve sua origem nas prosas poéticas de Charles Baudelaire. “Outros Planos” (p.51) é outro miniconto cheio de imagens, escrito com permanente fluidez poética.

O estilo transgressor construiu-se em Valéria com a naturalidade das folhas que caem no outono e retornam verdes e belas, aliadas às flores da primavera. Ela experimenta o tempo todo. Passeia pelas influências, para surfar na própria onda. Com Valéria tem sido assim, quando publica um livro, já está preparando outros. Ela é como um rio que se faz perene dialogando com as estiagens. Estimula ao estimular-se. Se veste de amplidão, não apenas pela visibilidade dos muitos prêmios que ganhou, mas pelo exercício permanente de leitura que seus escritos ofertam ao público. Atinge não apenas os leitores mais experimentados. A juventude leitora se apropriou da literatura de Maria Valéria Rezende. Na “obra aberta” da autora, não é mais ela, mas o leitor ou a leitora, quem opera a permanente transmutação das rotas. Tudo é mergulho numa imaginação que não se rende à memória.

Os textos em *História Nada Sérias* são muito vivos. São verdadeiras pulsações. Pululam o tempo todo na contramão da elegância quase tipográfica da edição. São textos que dialogam com um tipo de cotidiano onde passado e futuro se misturam. Com a imensidão e a profundidade de temas que não se entregam de primeira. Memórias das cercanias e das lonjuras de uma geração que não se entregou e não se entrega aos estampidos do ego. A cada leitura, novas perspectivas desenhadas na contramão do que importa para o mercado. Percebe-se um alto teor de todos os tons pregados na impermanência que se estabelece, na invisibilidade que se exhibe em vitrines invisíveis. Se o leitor tiver degustado apenas a leitura deste livro, saberá imediatamente que se trata de uma escritora que produz literatura de alta voltagem. Algo que rege a delicadeza e o espanto.

A educadora social de então, soube enfrentar com sabedoria a sua caminhada. Ela conheceu de perto as atrocidades da política. Momentos duros, tensos, sangrentos. Cheio de embates e combates. Momentos que não silenciaram a autora de “Quarenta dias”, “Outros Cantos” e “Modo de Pegar Pássaros à Mão”, entre outras obras igualmente consagradas pela crítica e pelo público. Ela se manteve suave. Manteve seus pés bem pregados no solo nordestino, paraibano. Mas só depois de cruzar o mundo. Sabe agradecer a oportunidade que a vida lhe deu de prosseguir sua missão. Essa

certeza de que valeu a pena e que nossos caminhos jamais se esgotam. Enfim, eis uma leitura necessária para que as pessoas se apaixonem cada vez mais pela escrita e pela existência de Maria Valéria Rezende.

### **Referências**

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ORLANDI, E. Maio de 1968, os silêncios da memória. In: ACHARD, P et al. **Papel da Memória**. Tradução e introdução de J.H. Nunes. Campinas, Pontes, 1999

*Recebido em 20 de fevereiro de 2019*

*Aceito em 05 de março de 2019*



## ENTREVISTA

**BRUNO RIBEIRO**

### **ADMIRÁVEL LIVRO NOVO: SOBRE FEIRAS, LEITURAS E LEITORES**

*Entrevista concedida a Samelly Xavier*

Bruno Ribeiro nasceu em 1989, é um mineiro radicado na Paraíba. Professor de Escrita Criativa, escritor, tradutor e roteirista. Autor do livro de contos *Arranhando Paredes* (2014) traduzido para o espanhol pela editora argentina Outsider e dos romances *Febre de Enxofre* (2016) e *Glitter* (2018). Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), editor da *Revista Sexus*, foi um dos vencedores do concurso Brasil em Prosa, promovido pelo jornal O Globo e pela Amazon. *Glitter* foi pré-selecionado ao Prêmio Sesc de Literatura 2016 e finalista da 1ª edição do Prêmio Kindle. Nessa entrevista, o autor nos fala um pouco sobre sua percepção literárias e sobre as feiras literárias.

**Muito se tem falado do surgimento de uma nova literatura, de forma que as plataformas digitais e redes sociais tornam o escritor e o universo literário mais acessíveis, além de aumentar significativamente o conteúdo exposto. Qual a sua opinião sobre isso? Você acredita que a máxima da “qualidade versus quantidade” está caindo por terra?**

Sobre a quantidade: quanto mais escritores, mais leitores. E isso já é algo bom. Claro, nem sempre essa máxima é verdadeira, mas gosto de pensar que se a pessoa se dedica a escrever, provavelmente ela vai gostar de ler também. Ainda sobre a quantidade, funciona como uma caixa de pandora: vai sair de tudo. O excesso pode trazer coisas boas, ruins, e só o tempo dirá o que vai ficar para a posteridade ou não. As teorias, gostos, subjetividades mudam. O que antes era ruim, hoje, já é aceito, e a própria crítica é um conceito mutável, não fixo. Gosto de pensar na democratização da arte e em pensar que aos poucos estamos quebrando a roda do mercado literário. O que antes só habitava o eixo SP-RJ, hoje já é visível no Nordeste, por exemplo. Cursos, especializações, escritores nordestinos sendo publicados, premiados, lidos nacionalmente. Claro que temos que pensar na qualidade do que produzimos, mas isso vem com o tempo e com um meio literário que seja produtivo e agitado, algo que está ocorrendo conosco agora.

**Você já foi finalista de várias premiações como o \_Prêmio Kindle de Literatura\_. Qual a importância desse tipo de premiação para autores em início de carreira, na sua opinião? Há algumas críticas que alegam que esse tipo de prêmio muitas vezes são "acordos comerciais para promover as editoras"; você acha que isso realmente ocorre? qual a sua visão sobre o assunto?**

Como eu sempre publiquei por editoras independentes, então isso de acordos comerciais nunca cruzou meu caminho nem das editoras que me publicam. Editoras grandes tem dinheiro e com dinheiro se chega longe. É possível distribuir melhor o livro e, talvez, até fazer acordos. Mas realmente desconheço se há ou não esses acordos, mas que existe uma predominância enorme de editoras grandes nos pódios dos prêmios, isso é fato. Prêmios ajudam a ganhar alguns leitores e espaços, mas acredito que pesa mais na biografia do que numa alavanca rumo ao sucesso. É bom? Sim. É essencial para mim? Não.

**Você considera que, em épocas de poesia informal e multifacetada, definir literatura como "a arte da palavra" ainda é adequado? Por quê?**

A poesia informal e multifacetada é um trabalho com a linguagem, então também é uma arte através da palavra. Os tempos estão mudando e precisamos nos adaptar, entender essa loucura que nos envolve, essa velocidade, e compreender que isso terá um impacto em nossas produções ou na de outros. Gostando ou não, o futuro é agora. Artes plásticas, dança, cinema, entre outros, são mídias que aceitam mais as mudanças do que a literatura. Apesar dos diversos experimentos no decorrer da história na escritura, ainda penso que a literatura é a mais conservadora das artes. Espero que isso mude com o tempo.

**Qual a importância que você enxerga em eventos e feiras literárias como a FLIC? Na sua opinião, por que estão surgindo tantas feiras na Paraíba e no Brasil?**

São essenciais! Ajudam a posicionar o escritor, fazendo com que ele conquiste um público, e forma leitores, incentiva à leitura. Só vejo coisas boas nessa explosão de feiras literárias. Quanto mais, melhor. É como o número crescente de escritores e editoras. É importante ter muito mesmo, pois só assim é possível criar algo coeso em nosso meio, e só assim é possível conquistar espaços.

Apresentar um escritor local para o público e o livro dessa pessoa, mostrar que é possível fazer uma literatura distinta daquilo que eles precisam ler para passar do ENEM ou porque está no top 10 da *VEJA*, pode sim mudar suas vidas. Enquanto professor, eu sempre apresento trechos de livros de escritores independentes e amo a reação dos alunos. Quando leio o começo

do romance *Palavras que devoram lágrimas*, do Roberto Menezes, a galera vibra, adora, assim como quando leio o começo visceral e lírico de *Nossa Teresa: vida e morte de uma santa suicida*, da Micheline Verunschik. O mesmo ocorre quando leio trechos de *Modos inacabados de morrer*, do André Timm. “É sério que pode fazer isso na literatura?”, muitos alunos perguntam. São obras que dificilmente cairiam na mão da galera, então é bacana falar que esses livros estão sendo lançados atualmente e por autores vivos.

Sou até chato com isso, pois a meu ver um professor que se propõe a ensinar literatura ou alguém que deseja criar uma feira literária tem a obrigação de saber o que anda rolando ao seu redor no meio literário. Acho irresponsável ficar só nos clássicos, no *status quo*, nos defuntos. É o caminho fácil, o atalho, a preguiça.

Essas feiras são um trabalho de formiguinha, que deve ser feito com paciência e paixão. Realmente acho que estamos em um bom momento e devemos aproveitá-lo.

**Como funciona o seu processo criativo? Já teve épocas de bloqueio criativo? Como lidou, em caso afirmativo.**

Tenho muitos bloqueios, mas quando boto pra fora já era: escrevo sem parar. Gosto de fazer muitas pesquisas, recortes, buscar personagens nos rostos alheios, fazer muitos rascunhos também. Já cansei de iniciar projetos e abandoná-los no meio do caminho. Começar, desistir, começar e ver que a coisa tá andando, começar e largar pela metade. O negócio é não ter medo do erro, do risco, de escrever mal para que com o tempo - lapidar o texto - aquilo se torne bom. A sensação de alcançar o número suficiente de páginas de um romance novo pra mim, fazendo com que eu saiba de verdade que ele não vai dar errado, é inexplicável. Nosso ofício é muito árduo e saber que seu projeto tá indo pra frente é imbatível. Pura potência. Então, pra mim vai muito da tentativa e erro. E paciência. Muita paciência, estudo, dedicação e trabalho.

Outra coisa que me influencia muito no processo criativo é a música. No meu romance *Febre de Enxofre*, por exemplo, eu queria criar um ritmo punk no romance que fizesse jus ao título. Uma febre demoníaca com parágrafos longos e pouquíssimas pausas para respiração. A primeira coisa que veio na minha cabeça foi o punk. Depois de muita reflexão, veio não só um álbum, mas um clássico da insanidade: o álbum *Fun House* da banda americana The Stooges. As faixas deste álbum foram gravadas ao vivo, sequenciais, sem edições no processo e com nenhum ou poucos *overdubs*. A banda era conhecida na época

pelas performances apocalípticas nos shows ao vivo e por isso *Fun House* foi gravado dessa forma. Como conceber uma escritura “ao vivo” foi um dos meus questionamentos enquanto escrevia. Uma literatura que pudesse alcançar um nível próximo da escrita automática, mas que fosse sóbria e consciente dos seus atos.

Um dilúvio de raiva e potência literária e musical. Um Borges com pico na veia. Um Saramago com crise de abstinência. Iggy Pop poeta. Etc. Então, essas questões de forma, estilo, de como pensar um livro e seus pormenores, também invadem minha cabeça no processo criativo e me alimentam bastante. O escritor precisa botar muita coisa na cabeça, muita leitura, influências, música, cinema – aí vai do gosto do freguês, cada um sabe o que pode te influenciar – pois só assim será possível jorrar um poema, um conto, um romance, uma crônica, ou seja lá o que for. Não tem como tirar nada de uma cabeça vazia.

**Olhando para trás na sua trajetória literária, há algum texto que você teria mudado alguns elementos ou sequer publicado?**

Não. Meu primeiro livro de contos, *Arranhando Paredes*, teve um atraso de dois anos para sair. Agradeço demais esse atraso, pois foi o tempo necessário para eu melhorar o livro. Escreveria as mesmas coisas de antes, desse tempo? Não. Mas ele existe, está lá, e eu gosto. Faz parte do meu projeto literário e não perdeu o seu sentido de existir com o tempo.

**Você dá cursos de escrita criativa. Qual a importância deles na sua opinião? Acredita que estes cursos ajudam a “formar escritores”**

Não gosto do termo "formação de escritor", mas isso é uma discussão longa, talvez transpareça algo sobre isso na minha resposta. Se forem cursos sérios e não meros tutoriais de “como escrever bem” ou “regras para escrever bem ou ser um autor de sucesso”, então podem ajudar um escritor, sem dúvidas. Uma indicação de livro pode mudar a vida de um aluno. Outra coisa importante na escrita criativa é aprender a ler, esmiuçar de verdade um texto, a linguagem, trama, personagens. Ler o amigo de oficina ou curso é muito importante, pois ao julgar o texto alheio você indiretamente está aprendendo a avaliar o seu texto também.

Aprender a escrever é algo estranho e que sempre me soa pesado, apesar de achar que uma pessoa pode aprender a escrever bem, obviamente. A diretora do meu mestrado de escrita criativa, a poeta argentina Maria Negroni, no primeiro dia de aula disse que o objetivo da pós-graduação não era de

formar escritores e sim de criar espaços para encorajar as dúvidas e perguntas, pois a verdadeira escritura sempre é uma arte subjetiva, acima inclusive da matéria que esteja sendo estudada. Assino embaixo disso aí. Ricardo Piglia disse que “a literatura é a experiência mais intensa que existe”. Até hoje, essa frase é o meu lema neste ofício tão árduo. E tento passá-la para os meus alunos, pois, sem processo, confronto, intensidade e pulsão, não há escritura. Seja sacra ou profana, sem gana, não rende.

Resumindo: é possível sair mais “enriquecido” literariamente de uma oficina, curso ou pós-graduação de escrita criativa, mas se a pessoa vai se tornar ou não um escritor, isso é algo que só as suas obras poderão dizer. Muitos já entram escritores, outros saem escritores. Não tem uma fórmula mágica e as aulas precisam seguir esse caminho. Existem diversos tipos de escritores e cada um é um universo distinto, e se o professor não conseguir perceber isso, não conseguir ter a empatia de pisar neste universo que pode ser distinto do dele, então já acho equivocado a ideia dessa pessoa ministrar um curso ou oficina nessa área. A literatura é a rainha de todas as artes, é plural, e é nisso que reside sua beleza.

*Recebido em 20 de janeiro de 2019*

*Aceito em 15 de fevereiro de 2019*

## INSTAGRAMÁTICA: CARTOGRAFIA DO TEXTO VIRTUAL & POÉTICA DA LEITURA EM TEMPO REAL

Edmundo de Oliveira Gaudêncio\*

*A todos que tornaram possível a Primeira Feira Literária de Campina Grande – FLIC*

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”  
Fernando Pessoa

### Introdução

Neste ensaio, duas advertências: primeira, a irreverência da forma da escrita, roubada de Deleuze; segunda, devo referir que, em minhas observações, excluo os Infotextos, esses textos infundáveis e infindos, graças aos links que remetem a textos e mais textos, numa leitura potencialmente infinita e que compõem o conteúdo da *Wikipedia*, essa “concretização virtual” da Grande Biblioteca de Alexandria. Como “textos virtuais”, refiro-me apenas a poemas, aforismos, contos, crônicas, poesias, tais como aqueles que, entre nós, nesta Campina Grande, sem dúvidas, cidade-leitora, considerando a quantidade de nomes (para citar apenas alguns, pedindo as necessárias desculpas pelas evidentes omissões) que escrevem e publicam em Redes Sociais, notadamente o Facebook: Maura Pires Ramos e seus poemas; Luciene Aragão de Melo e seus poemas em prosa; Alane Ramos (com seus aforismos, fragmentos de romances, poemas visuais, poemas em prosa); Josafá de Orós e suas poesias; Socorro do Ó Tejo e seus poemas; Geraldo Pinto e seus versos; Alana Agra e suas crônicas de costumes; Horácio de Almeida Lima e suas sátiras; João e Vólia Amaral e suas crônicas; Valdeci Nabude e Eugênio Felipe e seus aforismos; Ramilton Marinho e seus contos regionais ou “causos”; Fred Ozanan e suas charges-poemas; Elizabeth Marinheiro e suas “Tessituras”; Rangel Júnior e sua poesia regional; Gigliola Cavalcante e seus poemas, estrelas brilhantes na Galáxia da Internet, ao lado de cronistas políticos, sociais, culturais, econômicos, históricos que compõem o quadro de escritores do Paraíba on-line: Arimateia Souza, Ribamildo Bezerra, Alberto Ramos, Rafael Hollanda, Ailton Elisiário, Félix Araújo Neto, Hermano Nepomuceno, José Edmilson Rodrigues, José Mário, Romero Rodrigues, Josemir Camilo, Noaldo Ribeiro, Myrna Maracajá e outros tantos.

### Exposição

Tomo a liberdade de ler-lhes um texto virtual, de minha autoria, o qual teve 8.700 leitores, de acordo com o Relatório Semanal Facebook:

---

\*Possui graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina de Campina Grande (1978), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (1987) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2004). Atualmente é professor Associado I da Universidade Federal de Campina Grande e Professor Aposentado da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Psiquiatria, Psicologia e Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: luto, logoterapia, morte, ética e educação.

### **Meu melhor cartão-postal**

**Edmundo Gaudêncio**

(Diz Cecília Meireles: “Liberdade de voar num horizonte qualquer, liberdade de pousar onde o coração quiser”. Intervindo, conta Dag Hammarskjöld que “A viagem mais longa é a viagem interior”. Conclui Fernando Pessoa, tomando uma taça de vinho: “Para viajar basta existir”)

#### **Para Mércia Maria**

Você me conta das belezas dos lugares que você visita – e me diz como desejaria que os visse com meus próprios olhos! Ora, não preciso do mundo – preciso de você que olha o mundo, desejando que eu o veja, pudesse vê-lo ou houvesse-o visto com você. A mim o que interessa é que você possa viajar e conhecer o mundo – porque do mundo o que me interessa ter sob os olhos é sua presença, ainda que em estado de ausência (pois entendo que, para você, viajar é preciso, viver é impreciso e ninguém precisa obrigatoriamente estar presente para ser presença!). Mas, claro, sinto saudades, sim – não do pedaço de mundo em que você pisa e em que eu também poderia estar; sinto saudades de você, que, mesmo distante, continuou (depois de partir) e continua (agora) e continuará (sempre e para sempre) aqui. Afinal, desde há muito – para ser exato, desde o dia em que a conheci –, descobri: a Felicidade não mora antes, nem depois – mas neste instante; nem ali, nem acolá – mas neste lado de cá. Não habita lá fora – onde não estou; mas dentro de mim, onde você sempre estará. Por isso meu melhor cartão postal não é desses mundos em que não necessito estar para ser feliz. Meu melhor cartão postal é apenas um retratinho em preto e branco e 3X4 que do mundo me conta tudo quanto me interessa: em algum lugar do planeta, você se pensa longe, muito longe de mim (sem saber que na verdade se encontra neste onde de nunca saiu nem poderá sair: nesta saudade profunda deste país do até parece que foi ontem escondido dentro de mim...!).

Da forma escrita em que está, um texto, este texto, a “mancha gráfica” desta página tem quatro lados, quatro cantos, quatro margens (uma das quais, nos livros, é interna), inúmeras entrelinhas e duas faces, a face que leio e a face reversa. Tudo isso está contido também no texto virtual, tal como se apresenta no écran do celular ou do computador: quatro margens, inúmeras entrelinhas – mas o suporte do texto é completamente diferente (porque nos textos virtuais da Internet o suporte é a luz). Ou seja, o suporte para o texto não é a tela do écran, mas a luz projetada, a partir de dentro, contra a tela do celular ou do computador, luz essa dentro da qual flutuam cardumes e cardumes de letrinhas como se fossem sardinhas ao longo do curso das linhas do texto que, se nos textos impressos chama-se “mancha gráfica”, proponho a ideia de brincarmos um pouco com a ideia de que os textos desenham na luz do écran uma “sombra gráfica”.

Por decorrência, podemos pensar que, não apenas os textos virtuais, mas todo tipo de texto, inclusive aqueles impressos no papel, é, em maior ou menor medida, virtual – porque, afinal, todo texto escrito não passa da sombra do escrito sonhado.

Como todo texto, o texto virtual também diz e não diz. Diz o que está dito, mas diz também o que não consta no escrito e que só pode ser lido a partir das margens e das entrelinhas. Há as entrelinhas da narrativa do conto, novela, romance; há as entrelinhas da história da lavratura daquele texto/daquele escrito: em que circunstâncias ele foi escrito, quando, como, quem o escreveu; há as entrelinhas dos outros escritos que foram lidos para que se pudesse escrever aquele específico texto; há as entrelinhas da vida do autor e as entrelinhas da vida de cada leitor – sendo justamente estas as entrelinhas que impedem que um mesmo texto possa ser lido duas vezes: um texto funciona como um rio heraclítico de palavras nas quais não se mergulha duas vezes, porque uma releitura nos mostra o que não conseguimos perceber quando de uma primeira leitura, sendo o mesmo texto e suas outras diferentes leituras, na medida em que nos tornamos outro,

entre uma releitura e mais outra. Ou seja, considerando tantas entrelinhas para um escrito, o que se destaca de mais significativo em um texto senão sua condição de “entre”, como afirma Gilles Deleuze, e seu estado de quiasma, como diria Merleau-Ponty, vez que ele apenas se realiza entre o autor que o compõe e o leitor que, graças à leitura, finaliza sua composição, abrindo-o para outras interpretações?

Mas, cá entre nós, por onde anda o texto virtual dentro do celular ou do computador? Não sabendo a isso responder, podemos pensar que o texto virtual situa-se (como todo texto) no Entre o Autor e o Leitor.

Evidentemente que o texto está e não está dentro do celular e/ou dentro do computador – só não sabemos como localiza-lo –, do mesmo modo que não sabemos localizar uma dada emoção, afeto, sentimento na massa cinzenta do cérebro. Ou seja, não sabemos localizar o texto no coração do celular ou do computador, assim como não conseguimos localizar, no cérebro, por exemplo, o exato lugar onde se forma a engrenagem da saudade.

Em todo caso, para que melhor entendamos o que digo, esclareço-me: um texto, qualquer texto, seja concreto (porque impresso), seja virtual, dá-se graças à existência de elementos que lhe são imprescindíveis. Vejamos quais são eles.

Primeiro elemento: o Autor. Autor, dizemos, é aquele que assina o texto. Muitos dos textos virtuais das redes sociais, ditos anônimos, são tomados como sem autoria. Na verdade, são dotados de autoria desconhecida, pois que, desde que exista escrita de um texto, há autoria. Autoria é a concessão, a um autor, da propriedade de uma obra. É isso que se atribui a alguém, nessa relação sendo chamado de Autor – isso sobre quem Foucault se pergunta quem seja. “Quem é o autor de um texto?”. De fato, será que o autor de uma obra cuja escritura levou cinco anos, ao finaliza-la, é o mesmo autor que a iniciou? De certo modo, sim; de certo, não.

Segundo: O Escrito. Isso e/ou aquilo que é dito no texto; o modo ou estilo com que foi lavrado. No escrito, embutidos, ocultos – portanto, virtuais, na exata medida de seus reais –, a História das Línguas, a História da tipologia dos escritos, a História da escrita e do alfabeto, a História da imprensa (para o caso dos livros impressos), a História da tinta, do papel, do *stillus*, do lápis, da caneta – a História do computador, do celular, do uso da luz como suporte suficientemente sólido para os textos virtuais, e por isso a História social das sombras por trás do écran do computador e do celular, como a DeepWeb.

Terceiro: A Leitura. Ou seja, do lado de cá do escrito, o autor e suas sombras, conhecido ou desconhecido. Do lado de lá, o leitor (ou, como veremos, o *lautor*). Quem são esses leitores / lautores? Como leem um texto virtual? Mas, antes, como se tem lido, o que se tem lido, ao longo da História da Humanidade? Primeiro, lemos as estrelas, as pegadas de caças, antes que aprendêssemos a ler as linhas das mãos ou adivinhar o futuro nas entranhas de um pombo; depois aprendemos a ler gestos, grunhidos, palavras. Aprendemos a ler o mundo através do tato, do paladar, do olfato, da audição, da visão. Até que por fim aprendemos a ler uma Língua escrita, aprendemos a ler qualquer texto – dentro dos limites de nossos conhecimentos sobre uma ou diversas línguas (lembrando que tudo é texto dado à leitura!). Leitura essa que nunca é uma só (embora ainda que diga respeito ao aparentemente mesmo texto): leitura silenciosa ou em voz alta, leitura individual ou coletiva, a leitura pausada dos poemas, a leitura corrida da prosa, cada leitura requerendo um tempo diferente. De idêntico, em toda forma de leitura, o olhar e, entre dois olhares, a página impressa em tinta ou desenhada com luz.

Quarto: O Leitor. O leitor é o sujeito que lê – mas também a pessoa que se lê, ao ler. É essa entidade que lê o escrito, lê para alguém do escrito, lendo-o para além do dito, porque ler é interpretar e interpretar é dar sentido próprio inclusive àquilo que alguém



não desejou dizer. Ler é construir e projetar historicidades. Nesse processo de recriação do criado, de um lado, o olhar do leitor pousado sobre a página – frente a frente ao olhar ausente do escritor, que o espia, não do outro lado da página, mas do outro lado do texto.

Tudo isso nos levar a pensar um texto como dobra entre autor e leitor; entre o ontem da escrita e o amanhã da releitura neste agora de quem o lê. Nesse sentido, a fusão do universo do leitor, graças ao universo da obra, ao universo do autor não é mais que simples dobra entre o real e o virtual que toda coisa é (para citar apenas um exemplo, o tempo: o ontem, em relação ao hoje, dito real, é virtual – assim como o é o amanhã, que torna virtual este agora, sendo tornado virtual pelo depois-de-amanhã).

Entretanto, como lemos, nesta Hipermodernidade? Que elementos cartográficos caberiam ressaltar numa leitura hipermoderna dos chamados textos virtuais?

Para que não digam que eu não lhes avisei que, na verdade, é extremamente variável o número e o ânimo de meus leitores, publiquei outro texto (do qual muito gosto e que lhes leio) – que teve apenas 37 curtidas e três comentários:

**Esvaziadamente cheio**

Edmundo Gaudêncio

O vazio, zio, zio de dentro de um vaso, aso, aso não é o mesmo vazio, zio, zio quando se instala dentro da gente, ente, ente, ente...

...Ah, se o vazio, zio, zio, zio de dentro da gente, ente, ente, ente fosse como o vazio, zio, zio de um vaso, aso, aso – no interior do qual você põe uma rosa e adeus vazio... O vazio, zio, zio, zio de dentro da gente jamais se esvazia de vazios e vazias, ias – ias – ias...

**Comentários finais**

Para ir-me finalizando (que se o tempo da Internet é a Internidade, do lado de cá não contamos com a Eternidade), gostaria de perguntar, ainda:

Numa leitura Hipermoderna de textos virtuais, quais os valores que estão em jogo? Creio que estes são pelo menos alguns deles:

A Velocidade (de leitura) – que na Hipermodernidade não há tempo para tempo perdido;

A extensão do texto (preferentemente curto) – que na Hipermodernidade a comunicação há que ser imediata;

O consumo imediato (do conteúdo do texto) – que na Hipermodernidade não cabe a reflexão;

O Anonimato pela posse coletiva, graças à mídia cooperativa e à apropriação frequentemente indébita: Caiu na Net é peixe!

A Efemeridade, a Volatilidade, a Descartabilidade do texto – que na Hipermodernidade tudo é descartável, volátil, efêmero (e mesmo “tudo que é sólido desmancha no ar”).

Para uma era da conexão, nada mais justo que a necessária ubiquidade textual: não conseguimos localizar, nas redes sociais, com quem está o texto virtual (que certamente está com todos, mas não é de ninguém – e justo por isso a intervenção do Leitor junto ao Autor em “tempo real”). Impossível interagir com Platão, indagando-o sobre seus “Diálogos” – mas frequentemente possível arguir o autor de textos perdidos nas veredas dos grandes sertões do Facebook. Na Hipermodernidade, no que toca aos textos virtuais e sua leitura, não existem mais textos que se contentem com andar nas linhas retas da escrita que compõe a mancha gráfica: os textos virtuais inventaram a leitura labiríntica – e Borges concordaria comigo: junto aos maiores labirintos, os desertos, os espelhos, na Hipermodernidade, quem sabe a morada do Minotauro não

seja o infinito labirinto da Internet...? Se não mais existem textos bem comportados, não mais existem leitores (nem nesta Campina Grande, cidade leitora), mas Lautores, como nomeiam Roger Chartier e Rosângela Rojo, leitores que são autores, praticantes do que Julia Kristeva chamou de Escrileitura, na qual e graças à qual, comentários postados nas redes sociais sobre um dado texto obrigatoriamente modificam sua leitura. Nesse processo, nesta Hipermodernidade, de Homo Sapiens nos tornamos, segundo Veen e Wracking, Homo Zappiens.

Para finalizar, tomo a liberdade de ler-lhes um último texto – o qual serve para ilustrar essa interação entre autoria e leitura da qual e graças à qual o texto não resulta o mesmo, após intervenção de parte do leitor, que o recria com seus comentários.

### **Ícaro**

(Ícaro, a quem interessar possa, na mitologia grega, filho de Dédalo. Aprisionado em Creta, decidiu fugir. Graças ao auxílio do pai, inventor do labirinto, construiu longas asas belíssimas com cera de abelha e plumas recolhidas em ninhos vazios. Esquecido dos conselhos paternos, “Não voarás rente ao mar. Não voarás próximo do sol”, voando mais alto que deveria, o sol dissolveu-lhe as asas e ele, com isso morrendo, tombou nas águas azuis do oceano, em exato lugar que hoje se chama Mar de Ícaro).

### **Edmundo Gaudêncio**

Para Mércia e Mahayana, em viagem.

Gosto de pensar trivialidades – até porque gosto de fazer filosofia barata e tudo pode e deve ser objeto da Filosofia. Afinal, se a Filosofia não for capaz de meditar sobre banalidades, não terá competência para pensar o Pensamento, a Alma, a Existência, o Ser Humano. Uma dessas bagatelas a que me refiro é um “Localizador de voo”. Você sabe o que é isso, não é? Eu não sabia, juro. Viajo muito pouco. Menos ainda de avião. Pergunto ao Google – e ele me responde: O que é um localizador de passagem aérea? Resposta: é esse documento impresso por computador que contém “Dados do voo - Identificação do número do voo, portão de embarque e o assento escolhido na hora do check-in. Origem e destino - Locais e horários de decolagem e pouso da aeronave. Localizador - Também conhecido como código de reserva, este é o número que identifica sua compra de passagem. Pois bem. Desfeitas as malas, quando do retorno, o que geralmente fazemos com o Localizador de nossa última viagem? Geralmente rasgamos e jogamos fora isso que alguns guardam como suporte para memórias e saudades, não é mesmo? No Localizador, entre os Dados do voo, Itinerário, Ida, Volta, Datas. Números dos voos. Origem, Embarque, Partida, Chegada, qual o lugar das emoções vividas, das sensações vivenciadas e do que se torna desde já memória, talvez saudade? Em tudo, necessário enxergar o não visto. Por exemplo, entre Ida & Volta e Partida & Chegada, o trajeto feito, os caminhos pisados e as passadas perdidas, a certeza de que aquele que na partida se foi, não é o mesmo que chega ao seu destino – e muito menos é o mesmo que retorna ao ponto de partida. Entre a data da ida e a data da volta de minha viagem, nove dias. Decerto nove dias a mais, justo por serem nove dias a menos. Na vida não é assim, tantos dias que nos sejam somados, tantos dias nos são subtraídos do cômputo geral dos tempos de nossas existências? Nove dias há pouco ganhos, novos dias já perdidos. Separando as roupas sujas das roupas limpas e guardando-as, ligo o televisor do quarto de dormida. No jornal da meia noite, notícias da queda de um avião de passageiros. 137 mortos. Nenhum sobrevivente. Penso no Localizador daquela pessoa que não pode ser localizada nos destroços icarianos do avião. Ida sem volta, partida sem chegada. Penso que, para isso, para amortecer a morte, inventamos sonhos com o Acaso, criamos ilusões de “como-se”: ah, se houvesse perdido o voo; ah, se houvesse chegado apenas um minuto atrasado ao aeroporto; ah, se houvesse escolhido outra empresa ou outro dia, ou outra hora, ou outro

voo, ou outra vida... Ah, se o acaso houvesse impedido essa viagem sem volta... Olho uma vez mais o Localizador. Dobro-o. Guardo-o dentro do livro que viajou comigo e em quem viajei. Afinal, necessário recordar: todo voo, literal ou figurativamente, pode ser voo de Ícaro.

Dentre os comentários tecidos ao texto acima, destaco estes que, queiramos ou não, graças à interação leitor, leitura, autor, tornou-se outro, texto acrescido por trabalho realizado a pelo menos quatro mãos:

**Ângela Albino:** Ícaro não reconhecia as asas que fizeram prá ele? Ícaro queria se lançar ao sol, para então, se tornar mar? O limite seria um convite à liberdade? Quantas perguntas para um só domingo! Ao mesmo tempo, quanta filosofia pro cotidiano se agigantar... Obrigada por revelar isso de forma poética pra gente!

**Edmundo Gaudêncio:** Professora, a Senhora é Incrível! Apenas é dada essa sua capacidade de pensar a quem frequenta a Literatura! Asseguro-lhe: Tantas perguntas me deixam tonto, como tonto Ícaro decerto ficou...! Obrigado pela leitura, pelo comentário, pela postagem – e pelo quanto me leva a refletir sobre as entrelinhas do que escrevi e apenas Você conseguiu ler...! Gostaria de ser seu aluno. Obrigado! Enorme Abraço.

**Edmundo Gaudêncio:** Em tempo: sinceramente não lhe sei responder...!

**Ângela Albino:** Nem precisa ... Toda resposta será asa, produzida por Dédalo...

**Edmundo Gaudêncio:** Ângela Albino: "Toda resposta será asa"...! Posso usar sua frase como "frase gerativa", diria meu Professor Paulo Freire, para uma reflexão – citando, claro, seu nome? Lindo, isto: "Toda resposta é asa" – assim como toda pergunta é arremesso sobre precipícios?

**Ângela Albino:** Edmundo Gaudêncio : em tempo: sinceramente não lhe sei responder...! Minha asa quebra quando desafio gigantes...

**Edmundo Gaudêncio:** Diante de tamanhas sem-respostas, de ambas as partes, que tal uma atividade, em uma de suas aulas, sobre um tema, por exemplo, "Por quê, como, onde, quando, até aonde – negam-me meu desejo e meu direito de voar?"

Em suma, era isso. Comecei com Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena” – a quem parafraseio, com gesto tipicamente hipermoderno: Quando a alma não é pequena, tudo vale à pena.

## Referências

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

*Recebido em 20 de janeiro de 2019*

*Aceito em 15 de fevereiro de 2019*